

OVERMUNDO

no. 05

jan-fev 2012

overmundo.com.br

#cultura digital

#ciberativismo

#crowdfunding

#e-lit

#fanzines

#cellvídeo

#vlog

#brega



prêmio
SESC RIO
de fomento à cultura



Realização
Instituto Overmundo
—
Conselho Diretor
Hermano Vianna
Ronaldo Lemos
José Marcelo Zacchi
—
Direção Executiva
Oona Castro
—
Coordenação Editorial
Viktor Chagas
—
Coordenação de Tecnologia
Felipe Vaz
—
Coordenação de Economia da Cultura
Olívia Bandeira
—
Editora-Chefe
Cristiane Costa
—
Editores Assistentes
Viktor Chagas
Inês Nin
—
Edição de arte
Bemvindo Estúdio
—
Projeto gráfico original para versão estática
Retina 78
—
Projeto e desenvolvimento de aplicativo para iPad
Metaesquema Projetos em Arte e Tecnologia
Sistemas
Cabot Technology Solutions Pvt. Ltd.
—

Colaboraram para esta edição
Andre Stangl
Caio Tendolini
João Victor de Mello
Luiza Miguez
Marcelo Cabral
Pirata Z (Marcelo Carota)
Sandro Menezes
Teka Karpstein
Tiago Rubini
Vanessa Mendonça
e muitos outros
—
Capa
Maíra das Neves
—
Imagens
Maíra das Neves
Alexandre Mandarino
Bin Laden do Brega
Claudio Monjobe
Coletivo Diagonal
Eduardo Kac
Esputinique
Fabio Spavieri
Felipe O’Neill (Oi Futuro Ipanema)
Franklin Pires
Guto Lins
Loulou Gutemberg
Marcel Maia (@Flickr)
Marcelino Freire
Marcelo Cabral
Márcia Beloti
Manufatura
Mundano
Parafernalha
Prefeitura Municipal de Bauru
Punk Magazine
Rafael Adorján
Raquel Tavares
Rodrigo Burdman
Roque Romero (@Flickr)

Sandro Menezes
TFT
Tuiuiú Comunicação
Vanessa Mendonça
Zinescópio
e outros
—
A Revista Digital Overmundo é resultado do Prêmio SESC Rio de Fomento à Cultura na categoria Novas Mídias 2010 e derivada do site Overmundo, patrocinado desde seu lançamento pela Petrobras.



O conteúdo desta revista eletrônica integra o site Overmundo e está disponível sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil (CC BY-NC-SA 3.0).

Pautas e sugestões de pautas para a Revista Overmundo podem ser publicadas diretamente no site Overmundo. A equipe editorial da revista está de olho nos conteúdos que circulam na rede. Quem sabe não é uma boa oportunidade para você exercer a sua veia de repórter e contar pra gente o que de bacana acontece na cena por aí, na sua cidade? ;-)

editorial

A pauta é tão óbvia que não nos pareceu imediata. O Overmundo, afinal, é fruto da cultura digital. Na efervescência do período em que pipocaram aqui e acolá os sites da chamada web 2.0, as redes sociais, os georreferenciadores, as plataformas de crowdsourcing e crowdfunding, lá estávamos nós. Retomar esse tema e narrar um pouco do panorama em que surgiram diversas iniciativas e movimentos voltados ao digital e às artes eletrônicas é, portanto, um pouco retomar as origens. Você faz parte da *cultura digital*...
VOCÊ, aliás, foi a personalidade do ano, no ano em que o Overmundo nasceu. De 2006 para cá, o estilo do-it-yourself, a ética/filosofia hacker e o ciberativismo só têm feito se expandir, ou melhor, se infiltrar pelo mundo. As páginas seguintes comentam um pouquinho desta história, trazendo à luz o contexto brasileiro de alguns movimentos políticos alternativos e apresentando casos de apropriação de ferramentais digitais para a mobilização em prol de causas. A cultura digital é tão pervasiva que mesmo um gênero de mídia tipicamente independente e alternativo, como o fanzine, encontrou sua vertente eletrônica. Como sabe todo zineiro, são muitos recortes possíveis...
Há, é claro, toda a discussão em torno da pirataria e do download e compartilhamento de bens culturais. Se é preciso repisar este tema, façamos em grande estilo, evocando o mesmo experimentalismo dos zineiros, com uma curiosa entrevista em quadrinhos com três dos mais influentes blogueiros de música do país.

Na música também estão imersas as artistas Mary Fê e Leandra Lambert, que experimentam com artes plásticas, performances, e sonoridades eletrônicas, tudo junto e misturado.
Como nem só de música se faz a cultura digital, guardamos espaço também para a literatura eletrônica. Esta edição da revista proporciona um passeio saboroso pela e-lit (sem trocadilhos) brasileira. E nos leva a conhecer cineastas amadores, que mesclam a experiência do teatro satírico com produções filmadas a partir de celular, no Piauí.
Cultura digital não é coisa só de jovem! Você conhece o Vlog do Fernando? É um videolog para velhos. Com o humor ácido do grupo Parafernalha, a brincadeira pegou no YouTube e Fernando, o velhinho com incontinência urinária e boca-suja, é assunto comentado em todas as mídias sociais. Sucesso da internet, como é também o repertório do Bin Laden do Brega. O terrorista do amor batalha para conseguir um lugar ao sol.
Do sertão de Palestina (AL) ao deserto do real, a cultura digital está em nós. E você? O que achou de tudo isso? Queremos (saber) a sua impressão (digital)?
Os Editores



Maíra das Neves Expre, 2011

sumário

—

6 Mudando o mundo
com um link na cabeça
e a rede nas mãos

12 O 1% que colabora

16 Sonoridades complexas

22 2011: o ano que os blogs
fizeram contato

28 fanZines

40 Eles escrevem sem papel

44 Overmundo em pílulas

46 Bom, barato e democrático

52 — Oi, jovens!

56 O homem-bomba do brega

62 Um sanduíche que
é um patrimônio

66 1m²

Mudando o mundo com um link na cabeça e a rede nas mãos



— Você está a um clique de ler um panorama sobre o ciberativismo que girou o mundo nos últimos meses. Esperamos que você curta (e quem sabe retuite)! —

Andre Stangl

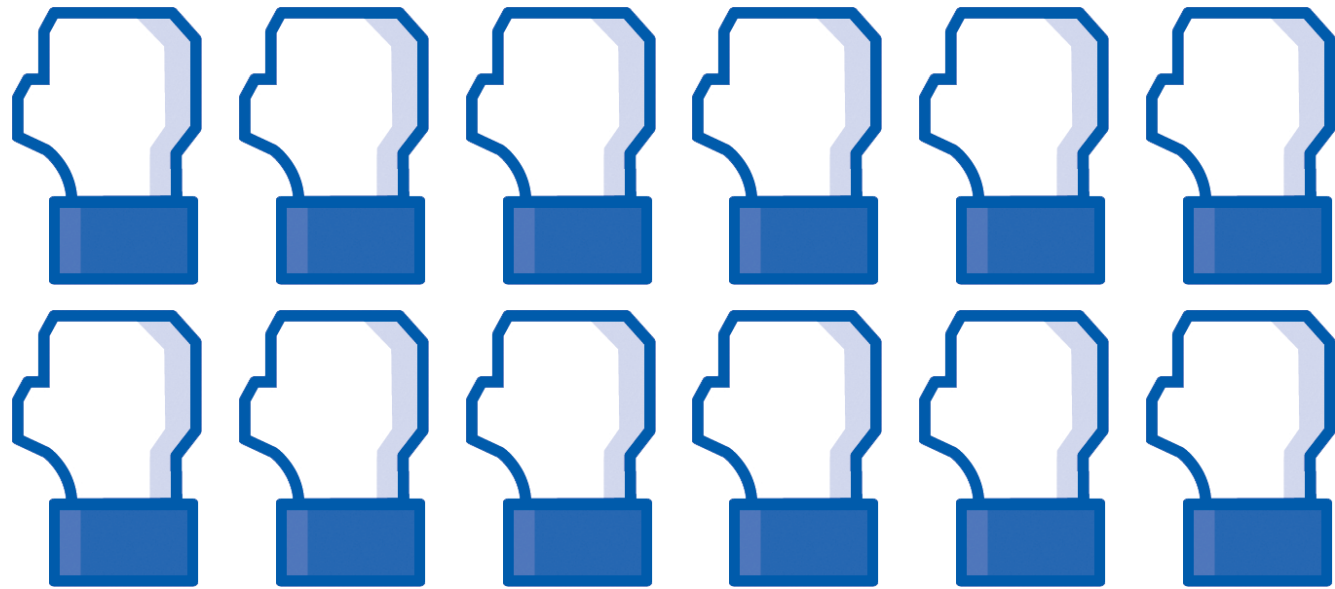
O mundo vive hoje uma explosão de mobilizações, quase todas ampliadas e organizadas através da internet. Dependendo de sua timeline, ou seja de quem você segue na rede, todo dia tem uma ou duas denúncias importantíssimas, que se não forem repassadas imediatamente podem até tirar o sono dos mais sensíveis. Quem já não ficou em dúvida? Retuito isso? Compartilho ou dou só uma curtida? Tem períodos que numa mesma semana podem chegar duas ou três convocações absolutamente imperdíveis. Brincadeira séria essa, que às vezes pode ter consequências efetivas, vide o efeito dominó da Primavera Árabe, em que uma espantosa sucessão de revoltas clamando por mais democracia em países onde o sentido desse conceito é ainda nebuloso, se espalhou chegando à Espanha e reverberando em Wall Street. Ainda não sabemos onde esse poder nos levará, mas olhar seu rastro pode nos inspirar sobre novos rumos e possibilidades.

Nem todo jovem é ativista, mas todo ativista tem juventude no olhar. Mudar, transformar, ajudar, sonhar. O desejo de mudança é milenar, não tem data nem lugar, a humanidade nasceu nômade pelo menos até a revolução agrícola e o proto-urbanismo que abriram o caminho para o surgimento do sofá, da geladeira e do controle remoto, bases da cultura sedentária, mas isso é outra história. Aqui nos interessa tentar entender esse barato coletivo, que às vezes consegue nos fazer levantar do sofá e tomar as ruas. A origem do ativismo se perde na história dos povos, quem terá sido o primeiro a protestar?

A revolta de um protesto difere da fúria de uma guerra, é mais como um turbilhão que nasce dentro do próprio corpo social, o que nos revolta sempre é familiar, sempre está em nosso entorno e acreditamos que com nossa manifestação de desconforto com o estado das coisas, algo pode mudar.

A cultura pop glamuriza a rebeldia. James Dean, Elvis, punks, beatniks, hippies, guerrilheiros, undergrounds, rappers, etc. A rebeldia, além de necessária, é bela. Curioso paradoxo, a rebeldia também vende. Mas nem por isso deixa de ser menos transformadora. *Gadgets*, celulares e filmadoras são produtos e também são as armas da “Geração do Protesto 2.0”. Alguns vídeos do movimento #15m na Espanha são tão bem feitos quanto peças publicitárias. Wittgenstein dizia que ética e estética são uma coisa só, talvez ele esteja certo.

A ligação entre arte e política pode ter um efeito intensificador para ambas. Desde Maio de 68 com os situacionistas, o *ativismo* tá na praça. Nos anos 1960 tinha até música de protesto: no Brasil, com a ditadura a MPB se especializou em fazer mensagens cifradas para driblar a censura – uma das mais famosas foi a parceria de Gil e Chico, na música “Cálice”. Os anos 1960 foram pródigos em passeatas: a *Contra a Guerra no Vietnam* (EUA), a *Contra o Apartheid* (África do Sul, 1960), a *Passeata dos Cem Mil* (Rio de Janeiro, 1968), e por fim, o *Maio de 68* (França, 1968). Este último é talvez o mais próximo do clima das mobilizações atuais, basta dar uma olhada nas frases da época (pré-tuites?):



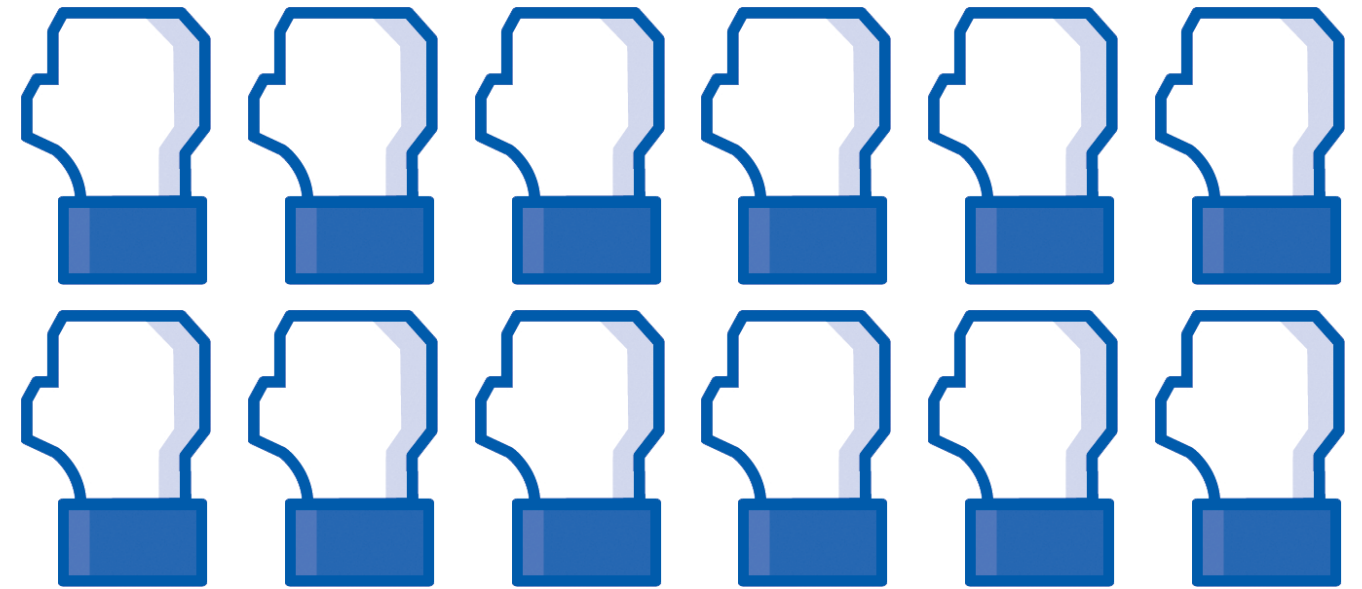
“Viva o efêmero”, “Sejam realistas, exijam o impossível!”, “É proibido proibir”, “A imaginação ao poder”, “Abaixo o realismo socialista. Viva o surrealismo”, “Revolução, eu te amo”, “A revolução não é a dos comitês, mas, antes de tudo, a vossa. Levemos a revolução a sério, não nos levemos a sério”, “Quanto mais amor faço, mais vontade tenho de fazer a revolução. Quanto mais revolução faço, maior vontade tenho de fazer amor”, “Abaixo a sociedade espetacular mercantil”, “Os limites impostos ao prazer excitam o prazer de viver sem limites”, “O sonho é realidade”, “Acabareis todos por morrer de conforto”, “Abaixo os jornalistas e todos os que os querem manipular” etc.

Outra cria dos anos 1960, a internet nasce de um projeto militar. Mas o uso político das redes digitais de comunicação está presente desde sua criação: a Arpanet, foi uma proto-internet criada como estratégia militar para evitar o colapso das redes de comunicação caso houvesse uma guerra nuclear. O projeto da Arpanet foi desenvolvido pela DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency), uma agência do Departamento de Defesa do Governo Americano, criada para ser a resposta à embaraçosa surpresa que foi o lançamento do satélite soviético *Sputnik* em 1957. Dá para notar que a utilização política das redes é uma parte fundamental do próprio DNA delas, sendo a ética hacker um bom exemplo dessa percepção. Os protocolos que regulam as trocas de dados na rede permitem formas descentralizadas de emissão e recepção de informação, ao mesmo tempo

que permitem seu aprimoramento de forma colaborativa e aberta. Vide a criação do e-mail na década de 1970 e da WWW no final dos anos 1980.

Em 1º de janeiro de 1994, dia da promulgação do NAFTA (uma forma institucionalizada de “panelinha comercial” entre os EUA, Canadá e México), começam as ações do Movimento Zapatista, em Chiapas, no México. Considerado o primeiro caso de ativismo digital, todas as suas ações são compartilhadas através do site ezln.org, que representa para muitos o marco inicial da convergência entre ativismo e redes digitais. De acordo com o pesquisador Massimo Di Felice, co-organizador do livro *Votán Zapata, a marcha indígena e a sublevação temporária*, o movimento zapatista inaugura uma nova forma de conflito divulgando seus comunicados pelas redes, conectando-se, assim, a outros movimentos sociais globais e permitindo o acesso a informações e a atuação conjunta da sociedade civil internacional, que passou a desenvolver um papel ativo no conflito entre o governo mexicano e as comunidades indígenas através da rede. Em outras palavras, foi a descoberta da pólvora! Com a internet, surge um novo protagonismo sociopolítico que só é possível graças a descentralização das redes, o que dificulta qualquer tipo de censura e potencializa as formas de articulação e mobilização.

Em 1999, as manifestações contra o encontro da OMC (Organização Mundial do Comércio) em Seattle também seguem esse rastro, usando as redes para se organizar. Como uma forma de furar o silêncio da grande



mídia, o movimento que acabou por gerar a criação do projeto Indymedia, o Centro de Mídia Independente, a primeira experiência de jornalismo colaborativo na rede. Estão aí, lançadas as bases do netativismo, ciberativismo, ativismo digital, ou ativismo 2.0, algumas das formas de chamar o fenômeno, que em 2011 foi eleito a personalidade do ano pela revista Time.

No livro *Galáxia da Internet*, o sociólogo espanhol Manuel Castells traça um histórico da arquitetura aberta da rede e suas implicações sociais e políticas, além de fazer uma análise interessante sobre esse novo panorama. Segundo ele, o individualismo no mundo contemporâneo também funciona em rede. Na internet explicitamos nossos preconceitos, excluindo ou bloqueando todos aqueles que pensam de forma diferente da nossa. Isso ilustra o paradoxo da vida social contemporânea entre egoísmo e medo, solidão e curiosidade. Ao mesmo tempo que bloqueamos o diverso, nos expomos tuitando e postando coisas no *reality show* das redes. No entanto, apesar da tentação de vivermos só olhando para o próprio umbigo na rede, as redes se cruzam. Um bom exemplo disso são as TTs do Twitter. Segundo Castells, a internet tornou-se uma espécie de agora (a praça onde os gregos debatiam na antiguidade) digital. Os movimentos sociais de hoje adotam a estrutura das redes e são essencialmente mobilizados em torno de valores culturais. Apesar de herdeiros dos movimentos anteriores, atualmente estes grupos não se limitam apenas aos interesses de uma classe, nem

se estruturam de forma hierarquizada. Os movimentos sociais de hoje pretendem conquistar poder sobre a mente (*noopolitik*), não sobre o Estado (*realpolitik*). A cidadania digital (*Netizen*), ainda segundo Castells, objetiva reconstruir o mundo de baixo para cima.

Mas a cultura digital, enquanto fenômeno, é um recorte conceitual recente. E como todo conceito tem suas particularidades, controvérsias e contradições. Pode-se dizer que aquilo comumente compreendido como “cultura digital” começa com a difusão das redes digitais, a internet, rede das redes. Nesse ambiente tecnológico, uma estrutura multacentralizada de informações, interações e serviços, realizou aquilo que apenas se prenunciava na era dos satélites e das antenas de TV: a experiência do sentir/existir global. Essa é também a experiência de uma nova consciência cultural, ainda em gestação, mas que todos os dias dá sinais de crescer e querer ser. O curioso é que misteriosamente nossa percepção gosta dos contrastes, das dicotomias, assim, onde se vê luz, pressente-se também, em sua ausência, a escuridão. Ou seja, é quando sentimos/existimos globalmente que experimentamos com mais intensidade nossa identidade cultural local. Um exemplo translúcido disso, é a propagação das cores verde e amarelo na época das copas. Um dos poucos episódios midiáticos que permitiam nossa afirmação em escala global, pelo menos antes das redes, para nós que não somos assim, tão chegados em guerras, ainda que nem tão pacíficos como se gostaria.

A cultura brasileira é um prato cheio para testar essas novas interações. As tecnologias estão no nosso DNA, nossa identidade nacional foi gestada nas TVs e rádios, não foi lendo que o brasileiro se descobriu brasileiro. Hermano Vianna e Heloisa Buarque de Hollanda, entre outros, tem demonstrado como a periferia brasileira tem gerado modos próprios de apropriação das possibilidades da tecnologia digital. Fenômenos como o funk, o tecnobrega, as lan-houses, a pirataria, as gambiarras. Ao que parece, aqui também os processos colaborativos de criação não encontram tantas resistências. Existem fortes indícios de que existe uma tendência cultural brasileira ao colaborativismo, fruto da influência das tradições afro-indígenas que se manifestam na cultura popular, em festas, cultos e mutirões. Nas artes, o Brasil estaria gestando uma “tecnofagia”, como afirma a pesquisadora Giselle Beiguelman, ou seja, uma forma híbrida de neo-tropicalismo e cultura digital, que pode ter sido influenciada pelas experimentações politico-culturais do Ministério tropicalista da Cultura de Gilberto Gil e sua trupe.

Muitas vezes questionamos a eficácia das petições online, dos tuitos, sem saber se vale apenas repassar aquele link, curtir aquela denúncia, alguns até por reencar virar o chato da timeline. Uma saída bacana, muito usada na cultura digital brasileira é o humor. Recentemente as ruas de Salvador alagaram depois de chuvas torrenciais, alguém postou uma foto de uma avenida totalmente alagada. Logo em seguida começaram a aparecer versões hilárias da mesma cena.

“10 táticas para transformar informação em ação”

1. Mobilize pessoas
2. Testemunhe e grave
3. Visualize sua mensagem
4. Amplifique histórias pessoais
5. Adicione humor
6. Investigue e exponha
7. Saiba trabalhar dados complexos
8. Use a inteligência coletiva
9. Permita que as pessoas façam perguntas
10. Administre seus contatos

Fonte: <http://www.casadaculturadigital.com.br/>



montagens diversas (reprodução)



Imagens em montagem

Outro autor interessante para compreender o mundo de hoje, Henry Jenkins diz que a convergência das mídias colabora para a criação de uma cultura da colaboração, alterando nossa forma de participar e construindo novos modelos de convivência democrática. Basta ver a mobilização em torno de programas como o Big Brother Brasil. Segundo Jenkins, brincando de participar, estamos desenvolvendo uma nova consciência, como uma criança que, do balbúcio, aprende a pedir o que quer. Fazendo um pouco de esforço, dá até para imaginar se não houve alguma influência no acirrado contexto da disputa eleitoral, em 2002, quando o então candidato à presidência Luís Inácio Lula da Silva, era alvo de chacota por sua baixa escolaridade, e, apenas alguns meses antes, o ingênuo, Kléber Bambam, que também era vítima de preconceito, derrotou seus escolarizados oponentes no primeiro BBB... quem sabe?

Cronologia

Conheça alguns dos movimentos ciberativistas que esporacaram nos últimos anos em todo o mundo:

- 1994 Movimento Zapatista (México)
- 1999 Manifestações contra OMC (Seattle)
- 2001 Fórum Social Mundial (Porto Alegre)
- 2003 Revolta do bazu (Salvador), blog do Salam Pax (Irã)
- 2008 #leiazeredo (São Paulo)
- 2009 #forasarney (Twitter)
- 2010 Primavera Árabe (Norte da África)
- 2011 Protestos na Espanha, Occupy Wall Street, Churrasco da gente diferenciada (São Paulo), Marcha da Liberdade/Maconha (Brasil)
- 2012 Movimento #desocupa (Salvador)

O 1% que colabora

O financiamento coletivo pode ser uma boa ferramenta de mobilização política para causas?

Caio Tendolini



Foto: Marcel Maia (@Flickr)

A criação e popularização do Myspace, em 2003, mesmo que com foco no mercado musical, estabeleceu um novo patamar para a interação social online. De lá pra cá, a velocidade de mudança parece só estar aumentando, e a sociedade vem descobrindo também novos usos para essas plataformas de colaboração. Aqui no Brasil, um dos casos mais curiosos foi o “Churrascão de gente diferenciada” em Higienópolis. O evento foi criado com tom de brincadeira frente à polêmica gerada em torno da construção de uma estação de metrô no bairro de Higienópolis, em São Paulo, mas acabou tendo uma repercussão inédita (cerca de 50 mil pessoas aceitaram o convite no Facebook para o protesto).

Um evento de grandes proporções!

“No Churrascão, foram mais de 50 mil confirmações de presença; cerca de 4 mil de fato foram ao evento; umas 100 pessoas não foram só pela festa, ou seja, estavam informadas e articuladas para algo mais que comer carne e beber cerveja. Foi fundamental, na hora, ter um pequeno núcleo organizado em torno do Movimento do Passe Livre (MPL), para canalizar aquela massa para pequenas ações como bloquear a Avenida Angélica”,

conta André Takahashi, sociólogo e ativista socioambiental do Movimento Brasil pelas Florestas.

Este padrão se repete no Facebook, o que evidencia que, mesmo que o ativismo tenha crescido nos últimos anos, o momento é de sensibilização – muitas pessoas confirmam presença e poucas comparecem ou se informam sobre o tema.

“Usamos muito as redes sociais para as ações do Brasil pelas Florestas, só em 2011 foram cinco manifestações na Avenida Paulista, que levaram em média mil pessoas às ruas. Mas o número de pessoas que se mobiliza fora da internet ainda é muito inferior ao que se manifesta online. Mesmo as pessoas que comparecem nas marchas e atividades não tem um envolvimento maior do que ir em reuniões e ajudar na organização”, complementa o sociólogo. Em resumo, Takahashi concorda que existe a indignação e a predisposição para agir, e que as redes sociais proporcionam um novo campo de ação, mas ainda muito superficial, restrito ao “click ativismo”.

Mecenato colaborativo

Funciona assim: você se cadastra em alguma plataforma de crowdfunding, insere seu projeto, define a verba que quer arrecadar, estabelece um prazo para arrecadá-la e



divulga, oferecendo recompensas simbólicas aos apoiadores. Caso você não arrecade o dinheiro total pedido dentro do prazo, os apoiadores são reembolsados e a conta “zera”. Do contrário, você recebe o dinheiro e pode executar seu projeto. O crowdfunding tem sido cada vez mais apropriado por coletivos e movimentos alternativos como ferramenta no ativismo digital. O potencial está no fato de envolver doação em dinheiro, um nível de engajamento consideravelmente maior que “curtir” ou confirmar presença em eventos do Facebook, mas, na prática, através de ações tão simples quanto.

Diego Reeberg, fundador do Catarse (a maior plataforma de crowdfunding do mercado brasileiro), explica o surgimento do modelo: “O primeiro site de crowdfunding de que se tem notícia foi o SellABand, focado no mercado musical, que nasceu na Holanda em 2006, para ajudar bandas a gravarem seus CDs. A grande plataforma de referência hoje no mundo é a americana Kickstarter (que foi pioneira em utilizar o modelo “Tudo ou Nada”), que trabalha com projetos criativos. Ela foi lançada em 2009 e já financiou mais de 10 mil projetos, com mais de US\$ 100 milhões movimentados”, diz. Hoje já são mais de 200 plataformas ao redor no mundo. No Brasil, o crowdfunding começou em 2009 com as atividades do

Vakinha, que na época nem se proclamava uma plataforma de crowdfunding. “Depois, no final de 2010, foi a vez do (coletivo) Queremos, que nasceu de uma insatisfação de uma galera no Rio de Janeiro com os shows internacionais que deixam de ir para a cidade. Eles resolveram lançar um site para garantir essas atrações no Rio, através de mobilizações coletivas. E, em novembro de 2010, a gente lançou o blog CrowdfundingBR. Foi aí que começou a surgir um interesse maior sobre o tema, e logo depois o Catarse foi lançado.”

O modelo teve um boom em 2011 no Brasil, sendo que só o Catarse arrecadou cerca de 1,3 milhões de reais, após apenas um ano de atividades. Hoje, existem cerca de 10 plataformas de crowdfunding ativas no país (até times de futebol tentaram se utilizar do sistema). No geral, os projetos que utilizam de crowdfunding são ligados à cultura, ou à responsabilidade socioambiental. Esse tipo de projeto sempre foi muito dependente do governo e da iniciativa privada, principalmente através de mecanismos de incentivo fiscal. Nesse sentido, o crowdfunding se revela uma ferramenta de financiamento na esfera da sociedade civil organizada, rompendo de certa forma o cordão umbilical com os outros dois setores do Estado. É isso que o torna a “sensação do momento”!

“Por ser um modelo onde a realização só é possível a partir de uma atuação coletiva, o crowdfunding é estritamente dependente de pessoas engajadas. Agora, penso que, exatamente por isso, o modelo e as plataformas têm um papel importante em ajudar os projetos a se organizarem para a captação dos recursos para a atividade acontecer, a raiz de tudo é engajar pessoas em torno daquela causa, sendo ela política, social, artística etc. É um alerta que diz: ‘seu projeto só irá acontecer se você reunir um grupo de X pessoas engajadas!’. E a responsabilidade, tanto de quem quer engajar, como de quem se engaja aumenta bastante”, completa Reeberg.

Casos e casos

Em novembro de 2011, foi lançado no Catarse o projeto para um documentário sobre o caso Belo Monte: *Anúncio de uma guerra*, um filme sobre a polêmica construção da usina hidrelétrica, no Pará. O projeto, elaborado e executado pela Cinedelia, precisava de verba para a edição e finalização, e uma equipe de comunicação formulou e desenvolveu o projeto de financiamento coletivo para arrecadar R\$ 114 mil em 30 dias.

“A campanha foi um sucesso. Aproveitamos a onda viral do Gota D’Água, que pautou o tema Belo Monte nas redes sociais, e atingimos a meta em menos da metade do tempo proposto”, conta Digo Castello, coordenador da campanha.

No total, foram mais de R\$ 140 mil arrecadados (123% da meta) em 30 dias, por 3.429 apoiadores, tornando-se o maior case de financiamento coletivo em plataformas de crowdfunding. Foram mais de 350 mil visualizações do vídeo de apresentação do projeto e 70 mil “curtir” no Facebook. De acordo com Castello, “No que diz respeito ao engajamento, um dos indicadores mais relevantes foi a pesquisa feita com os apoiadores no pós-campanha, que teve cerca de 25% de respostas (de 24 estados, 15 países, 80% entre 15 e 35 anos), sendo que 52% ofereceram ajuda, seja divulgando, seja com trabalho técnico em cinema, jornalismo ou ambientalismo.”

“Ao doar, o apoiador mostrou que quis agir em relação a Belo Monte, e viu no filme um instrumento de informação, em meio ao volume de conteúdo sendo gerado na internet”, diz Castello. O crowdfunding permite que o ativismo dê um passo no engajamento de usuários, através do comprometimento financeiro. O modelo se apresenta como ferramenta cada vez mais sólida de financiamento alternativo para projetos da sociedade civil, permitindo com que eles sejam menos dependentes do primeiro e do segundo setor. Ao lado de outras iniciativas de cunho marcadamente político, como Wikileaks, N-1, Avaaz e diversas outras, estes sistemas têm ajudado a financiar projetos ligados a causas e propostas de transparência e mobilização social.

A resposta dos governos e empresas vem na forma de censura aos ativistas. Em especial nos casos envolvendo o grupo hacker Anonymous, os governos têm se articulado para conter as ondas de manifestações internacionais. A ameaça maior figura nas leis de controle da propriedade intelectual e transferência de arquivos, que terá forte rebatimento na internet. Aguardemos as cenas dos próximos capítulos...

Conheça alguns dos projetos que relacionam mobilização e ativismo com o modelo de financiamento colaborativo do Catarse:

Ônibus Hacker: projeto itinerante ligado à Transparência Hacker, que junta profissionais para pensar em projetos de interesse da sociedade civil.

Tellus: um portal voltado à disseminação de projetos de inovação social.

Feminismo no mundo: levou representantes brasileiras à Marcha Mundial das Mulheres, que aconteceu nas Filipinas no ano passado.

Amigos de Januária: projeto de jornalismo cidadão que capacita cidadãos a buscar e compartilhar informações sobre a gestão pública de recursos.



— As performáticas Mary Fê e Leandra Lambert exploram as interfaces entre a música eletrônica e outras artes —

Tiago Rubini

Sonoridades complexas

foto: ??

Quando se ouve falar de música eletrônica, talvez a primeira ideia que venha à mente da maioria das pessoas seja a música dançante de pista, como o *techno*, o *electro* e até o *funk* carioca. Mas a “batida” eletrônica é tão diversa, heterogênea e vivaz quanto todas as outras formas de síntese e distribuição de informação por meio digital. De arcaicos laboratórios a computadores pessoais, muitos são os baús dessas sonoridades.

Uma ideia pioneira sobre o uso da matemática para a composição musical é o que a Condessa Ada Lovelace, filha de Lorde Byron e estudiosa dos números, teve a dizer no século XIX sobre a máquina analítica de Charles Babbage, inventor do que deu origem à calculadora de bolso: “O mecanismo pode compor fragmentos musicais de qualquer grau de complexidade, caso algum operador defina o som matematicamente nas suas relações fundamentais de harmonia”, como se lê no interessante estudo sobre a atuação feminina na música eletrônica intitulado *Women Composers and Music Technology in the United States*, escrito por Elizabeth Hinkle-Turner. Não só instrumentos musicais e aparatos de tratamento sonoro atuais funcionam a partir deste princípio, como também toda forma de expressão digital, que é baseada no código binário.

Dançante, poética ou experimental, a música eletrônica tem muitas faces. E não só pelas novidades das pistas de dança, que constantemente surpreendem, mas também pelas possibilidades de performance e composição, o gênero segue conquistando público e artistas. O começo dos anos 2000 foi importante para muitos artistas deste campo – tanto pelas inclinações estéticas do momento (como o surgimento e estabelecimento do *electrorock*, que atenuou as fronteiras entre o pop e o rock), quanto pela nova dinâmica de distribuição de música na rede. Neste cenário, alguns artistas e bandas do Brasil ganharam fãs e visibilidade no exterior: CSS, Montage e Daniel Peixoto, Digitaria, Karine Alexandrino, Bonde do Rolê e Boss in Drama são alguns exemplos.

Quando a arte imita a música

Leandra Lambert e Mary Fê fizeram parte deste *boom* de bandas eletrônicas e experimentais brasileiras. A primeira, que já fizera sucesso com o Inhumanoids nos anos 90, entrou no novo século com o pé direito, no leme do projeto *Voz del Fuego*. Mary Fê, por sua vez, que também já tinha experiência com os palcos, colocou em prática o seu gosto por encontrar alternativas inovadoras de sonoridade e performance em bandas como Gerador Zero e Pelúcia FuckCIA.

Leandra usava o Fotolog na época em que a vocalista do CSS era a participante mais popular do portal. Sem desmerecer as muitas qualidades da banda, ela confessa que não era difícil saber que o CSS iria estourar, levando em consideração que Lovefoxxx já tinha popularidade antes do sucesso com o grupo. Dona de uma trajetória musical bem contemplada pela imprensa desde os anos 1990, com matérias na *Folha de São Paulo*, no *Globo* e no *Jornal do Brasil*, em 2001, Leandra estava preocupada em terminar o seu curso de graduação em Cinema pela Universidade Federal Fluminense. Fechou o período com chave de ouro com o documentário *A obscena Senhora Silêncio*, em que retratou Hilda Hilst na Casa do Sol poucos anos antes da morte da escritora. Em 2003, criou *Voz del Fuego*, projeto que combina música dançante, rock, experimentações sonoras e letras poéticas. Travou diversas parcerias neste processo, por exemplo com Flávia Couri, do Autoramas, e com Fábio F-zero, que dividiu palco com Mary Fê na banda Gerador Zero no Tim Festival de 2003.

Atualmente, Mary realiza interferências sonoras pelas ruas do Rio afora. Ela segue firme, se apresentando em festivais, e procurando meios originais de performance. Nos últimos meses, muitos ouviram falar do seu *Pequeno terrorismo de bolso*, em que, vestida de aparatos que permitem que ela cante, toque guitarra e tenha uma linha de percussão eletrônica, ela vai andando e conquistando por onde passa público de diversas faixas etárias e gostos. Poucas pessoas não prestam pelo



fotos: Felipe O'Neill



menos alguns minutos de atenção na performance, que é realizada em praça pública e à luz do dia. Mary também realiza oficinas para construção de instrumentos e *circuit bending*, e segue organizando mobilizações culturais interessantes no seu contexto.

Fábio F-zero não foi o único colega que Leandra e Mary tiveram em comum. FS Torres, da loja de discos e espaço cultural Plano B e Negalê Jones também já trabalharam (ou trabalham) com as meninas. Outra parceria interessante foi a que houve entre Leandra, Jo Mistinguett e Boss in Drama, quando os dois últimos formavam o duo Gomma Fou. No Motomix de 2006, os três tiveram a oportunidade de conhecer e trabalhar nos estúdios de Dudu Marote, um pouco antes de abrir os shows das bandas Franz Ferdinand e Adult.

Interações

No ano passado, Mary apresentou nos arredores do Oi Futuro, no bairro carioca de Ipanema, a performance *Pequeno terrorismo de bolso*, seguida do show *Solucionática* no anfiteatro do centro cultural. Vale conferir o EP de 2009 chamado *Solucionática e a mula sem cabeça*, que inspirou o show, disponível gratuitamente para download. A esta altura, se o(a) leitor(a) não conhecia

o trabalho de Mary já deu pra perceber o seu apreço pela ironia e pelo senso de humor. Com esta pegada, compôs as músicas “Classe média de elite” e “Nossa Senhora Power Progressiva”, ambas integrantes do mesmo EP.

Voz del Fuego também não deixa a desejar no quesito senso de humor e ironia. A música “Pra ficar bonita” é um hino bem humorado contra a artificialidade da ideia de beleza propagada pela mídia. Há ainda provocações ao caráter superficial da alta roda em “Faz a rica” (produzida por Leandra e pelo Rodrigo Marçal). Enquanto o funk debochado do Bonde do Rolê encontrava um lugar ao sol, Deize Tigrona cantou sobre a base desta música no Circo Voador, no Centro do Rio, durante o carnaval do DJ Hell. Fã confessa da Peaches, Mary Fê também acha engraçado quando percebe o esforço exclusivo de uma artista em parecer sexy, bonita e muito séria ao mesmo tempo. Diz que, com esforço e intenção (ou não), a libido de quem compõe e executa a música sempre estará presente no trabalho.

Vale dizer também que apesar de nenhuma das duas serem figurinhas carimbadas em colunas sociais ou blogs de celebridade, o *Voz del Fuego* foi uma das principais atrações das noites de *live sets* na boate Dama de Ferro e o Gerador Zero também foi presença recorrente



foto: Marcia Beloti

na Bunker. Quanto à possibilidade de realizar shows e *lives* em festas de música eletrônica de agora, Mary Fê diz que não recusaria, embora a sua vontade maior seja deslocar a música eletrônica dos seus espaços usuais. E Leandra, que não é muito afeita à atmosfera das caras, bocas e roupas de grife das áreas VIPs, sente falta da época em que os *clubbers* lançavam tendência elaborando seus visuais com criatividade, fazendo jus ao DIY (*do it yourself*) como ato de resistência cultural.

O que você está fazendo agora?

Aluna do mestrado em Artes e Cultura contemporânea da UERJ, Leandra recentemente realizou exposições e performances no Parque das Ruínas e no Parque Lage, aplicando a pesquisa de sons, sensações e imersão poética que vinha realizando na música independente no campo da arte contemporânea. Seu desejo é explorar a intersensorialidade dentro da arte: “Tenho me interessado pelas relações entre o sensorial e o conceitual, o corpo

sensível e o pensamento, a imaginação. Quero ir além da dupla dominante som-e-imagem: também entram em jogo o tato, o paladar, o olfato e todas as misturas, experiências com ficções e derivas dos sentidos”, diz a artista, que em março realizará uma exposição no seu ateliê na fábrica da Bhering, no bairro do Santo Cristo, zona portuária da capital fluminense.

Também desbravando o campo da arte contemporânea, em 2010, Mary Fê participou como aluna da oficina de Arte Sonora no Parque Lage ministrada por Franz Manata e Saulo Laudares, e no ano seguinte discorreu sobre o seu trabalho na mesma oficina, numa série de mesas redondas que também contou com a participação de Vivian Cacuri, Cildo Meireles e Rodolfo Caesar. Este ano vai ser o segundo carnaval do Bloco Lo-fi, em que a artista organiza reuniões abertas de construção de instrumentos e composições musicais e mostra o resultado “na avenida”. É bom ficar de olho na programação do Plano B para não perder.

foto: ??



foto: Alexandre Mandarino

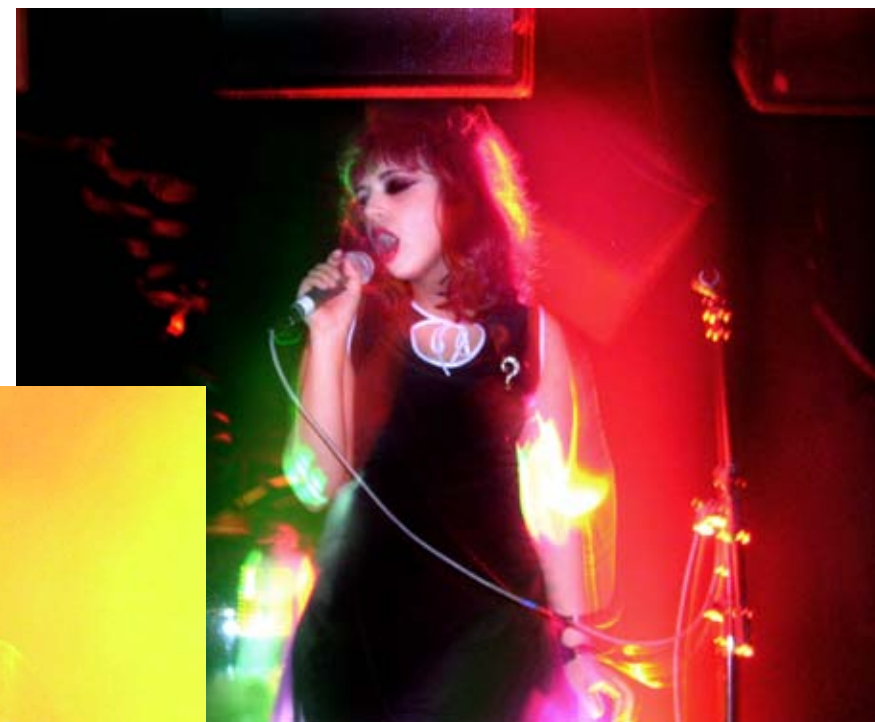


foto: Fabio Spavieri



foto: Claudio Morjoe



NO ANO QUE PASSOU, MÚSICOS INDEPENDENTES DE TODO PAÍS EXPLORARAM DE FORMA INÉDITA AS GALÁXIAS DA INTERNET, LANÇANDO SEUS DISCOS GRATUITAMENTE PARA DOWNLOAD. **CRIOLO**, RAPPER PAULISTANO DO GRAJAÚ, 35 ANOS E QUASE DESISTINDO DA VIAGEM, POSTOU SEU ÁLBUM EM ABRIL. HOJE DÁ ENTREVISTAS NA TV ABERTA E TOCA EM NOVA YORK. **CÍCERO**, CARIOCA DE 25, FEZ O MESMO E JÁ TEM SHOWS LOTADOS E FÃS CHOROSAS. ALÉM DOS DOIS, VÁRIOS OUTROS ARTISTAS LANÇADOS ONLINE ESTÃO NO TOPO DAS LISTAS DA CRÍTICA. ATÉ **CHICO BUARQUE** DEIXOU SEU ÚLTIMO ÁLBUM SER OUVIDO NA REDE.

AS NOTAS MUSICAIS TÊM VENCIDO OS ANOS LUZ QUE AS SEPARAVAM DE SEU PÚBLICO, E OS FOGUETES QUE CARREGAM A NOVIDADE SÃO OS BLOGS ESPECIALIZADOS EM MÚSICA. ELES DIVULGAM E ATÉ MESMO COLOCAM OS LANÇAMENTOS NO AR ANTES DO DISCO SER PRENSADO. TRÊS BLOGUEIROS ATUANTES NESSA CENA CONTAM COMO FOI...

2011: O ANO QUE OS BLOGS FIZERAM CONTATO

POR SANDRO MENEZES



TUDO COMEÇOU QUANDO **DIEGO ALBUQUERQUE** VAZOU O DISCO **BAPTISTA VIROU MÁQUINA**, DA BANDA INSTRUMENTAL PARAIBANA **BURRO MORTO**, EM JANEIRO DE 2011.



FUI NUM SHOW DOS CARAS NO FINAL DE 2010. EU JÁ CONHECIA O PESSOAL DA BANDA, E ELES SABIAM QUE EU TINHA O BLOG.

MESMO ASSIM, ME DERAM O DISCO, QUE JÁ ESTAVA PRONTO E SERIA LANÇADO NO PRÓXIMO ANO.

NÃO AGUENTEI MUITO TEMPO OUVINDO SOZINHO AQUELA MARAVILHA E POSTEI.



SUCESSO IMEDIATO, NO COMEÇO DO ANO SÓ SE FALAVA NELES. EM 2009, 2010, EU TIVE MUITOS PROBLEMAS VAZANDO DISCO. EM 2011, NÃO RECEBI UMA RECLAMAÇÃO SEQUER. A GENTE POSTA PRA FAZER A INFORMAÇÃO CIRCULAR, PRA TENTAR DEMOCRATIZAR A MÚSICA BRASILEIRA. ACHO QUE AGORA AS BANDAS E PRODUTORES ENTENDERAM ISSO.

CHICO BUARQUE TAMBÉM ACEITOU A IDEIA, E ACABOU LANÇANDO SEU TRABALHO NA INTERNET. MAS NÃO SEM A AJUDA DO BLOGUEIRO BRUNO NATAL, QUE TRABALHOU NA ESTRATÉGIA DE DIVULGAÇÃO DO ÁLBUM "CHICO".



PEGAMOS A VERBA QUE SERIA USADA EM ANÚNCIOS DE ÔNIBUS PRA CRIAR A PARTE ONLINE DO LANÇAMENTO. FALEI QUE O DISCO VAZARIA DE QUALQUER FORMA, ENTÃO ERA MELHOR COLOCARMOS UMA VERSÃO OFICIAL EM STREAMING, PARA SER OUVIDA PELO SITE. ESSE ENCURTAMENTO DA DISTÂNCIA ENTRE O PÚBLICO E O ARTISTA SÓ FEZ BEM AO DISCO DO CHICO E À CENA MUSICAL EM GERAL. OS LANÇAMENTOS PIPOCARAM POR TODOS OS LADOS NO ANO PASSADO. LEMBRO QUE EM 2010 FOI COMPLICADO FAZER MINHA LISTA DE MELHORES, FALTOU QUALIDADE. 2011 FOI MAIS DIFÍCIL AINDA, PORQUE SOBRARAM TRABALHOS BONS! NÃO SEI SE O FATO DE ESTAR TUDO ONLINE AJUDOU NISSO, MAS SEM DÚVIDA ESTAMOS NUM MOMENTO ÓTIMO E DIVERSIFICADO DA MÚSICA BRASILEIRA.



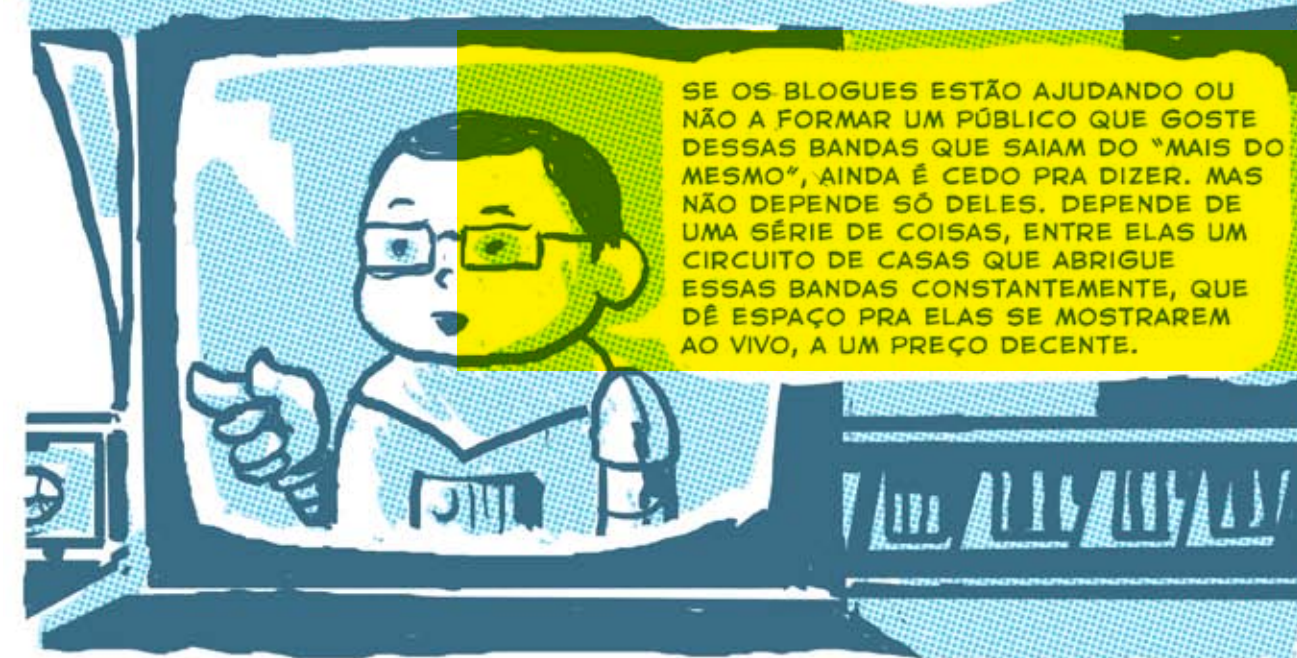
NÃO DÁ MAIS PRA LANÇAR UM DISCO SEM CONTAR COM OS BLOGS. ATRAVÉS DELES A INFORMAÇÃO TEM FLUÍDO MELHOR, TEM CHEGADO NO LUGAR CERTO. E É EM MÃO DUPLA: EU MESMO RECEBO MUITAS SUGESTÕES DE ARTISTAS NOVOS PELOS COMENTÁRIOS DOS LEITORES.

ESSA PROXIMIDADE COM O PÚBLICO E COM OS ARTISTAS TAMBÉM É DESTACADA POR FERNANDO, DO SITE FLOGA-SE.

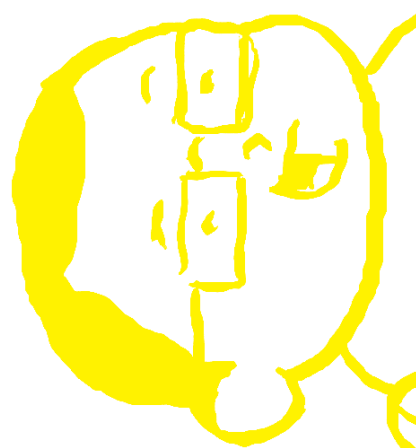
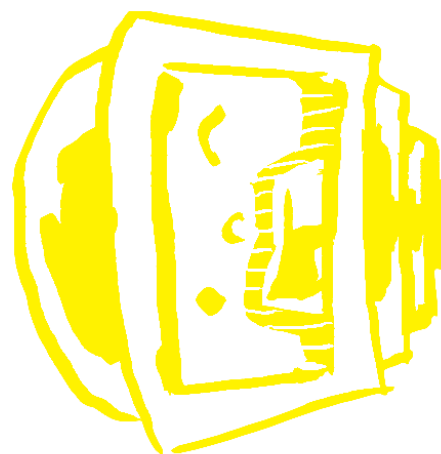


UM FATOR IMPORTANTE É QUE NO BLOG PODE ENTRAR OPINIÃO, COISA QUE OS GRANDES VEÍCULOS PARECEM TER PAVOR, E DISCUSSÃO, ÀS VEZES O BATE-BOCA É ATÉ ESTIMULADO. PROCURO DAR UMA FORÇA, VASCULHANDO, ENTREVISTANDO, SENDO PLATAFORMA PRA DIVULGAÇÃO DO MATERIAL DE GENTE QUE NÃO TEM ESPAÇO CAVADO POR ASSESSORIAS DE IMPRENSA.

SEMPRE EM CONTATO DIRETO COM MÚSICOS NOVOS, FERNANDO ESCUTA O QUE ELES FALAM, RESSALTANDO QUE A CENA ESTÁ LONGE DE SE FIRMAR.

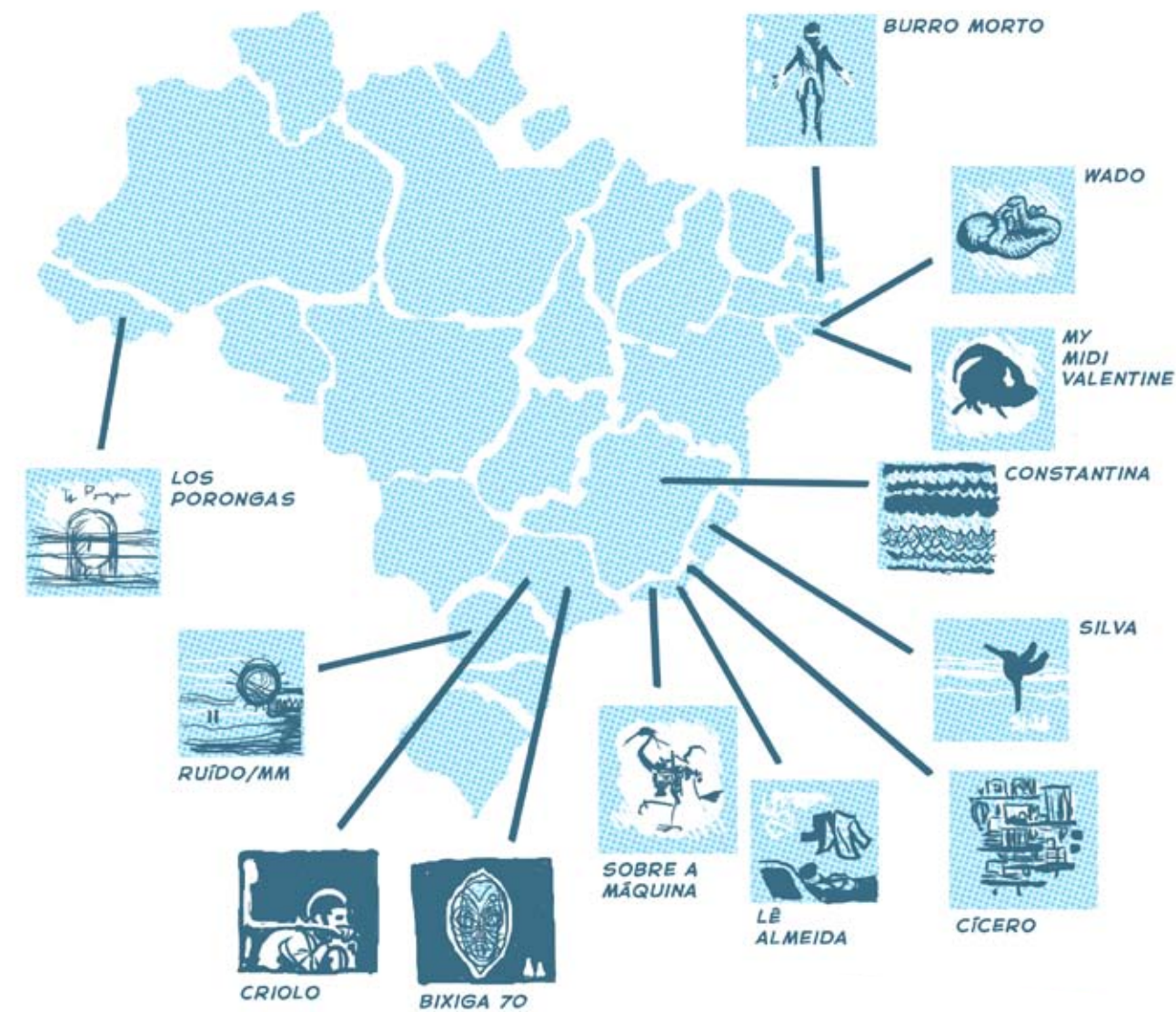
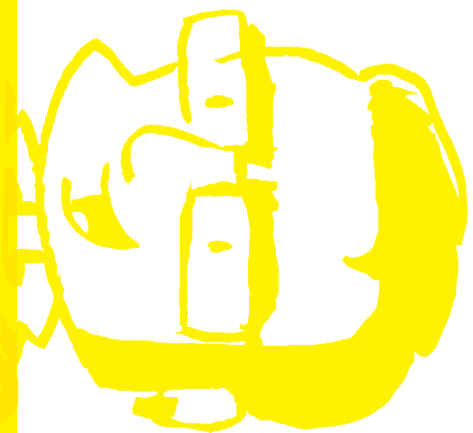


SE OS BLOGUES ESTÃO AJUDANDO OU NÃO A FORMAR UM PÚBLICO QUE GOSTE DESSAS BANDAS QUE SAÍAM DO "MAIS DO MESMO", AINDA É CEDO PRA DIZER. MAS NÃO DEPENDE SÓ DELES. DEPENDE DE UMA SÉRIE DE COISAS, ENTRE ELAS UM CIRCUITO DE CASAS QUE ABRIGUE ESSAS BANDAS CONSTANTEMENTE, QUE DÊ ESPAÇO PRA ELAS SE MOSTRAREM AO VIVO, A UM PREÇO DECENTE.

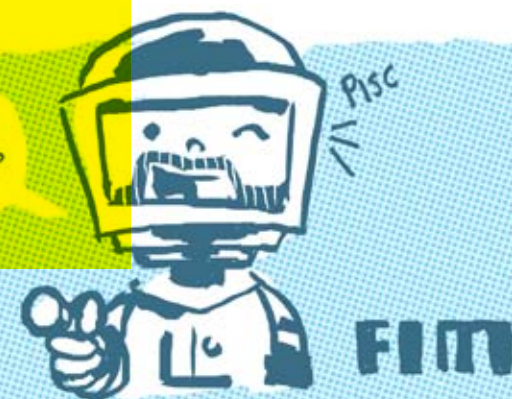


DE FATO NEM TODOS CONSEGUIRAM A ACLAMAÇÃO DE CRIOLO (PREMIADO NA MTV COM O ÁLBUM DO ANO) NEM TANTOS FÃS COMO CÍCERO (COM 50 MIL DOWNLOADS). MAS AINDA ASSIM VÁRIOS ARTISTAS E BANDAS DE DIFERENTES LUGARES DO BRASIL CONTINUAM SOLTANDO SUA MÚSICA PARA BAIXAR. DISCOS COMPLEXOS E BEM TRABALHADOS, CAPAZES DE AGRADAR AOS MAIS EXIGENTES OUVIDOS, DE DIVERSOS PLANETAS SONOROS.

TEM INDIE ROCK NO SUBÚRBIO FLUMINENSE, AFROBEAT DO BIXIGA, MELANCOLIA ELETRÔNICA EM ALAGOAS, CHILLWAVE CAPIXABA. TEM PRA TODO MUNDO.



E VOCÊ? JÁ OUVIU ALGUMA
MÚSICA BRASILEIRA NOVA HOJE?



FIM

fanZines

—
Do papel ao silício, marginais como
sempre, na superfície como nunca
—

Pirata Z é autor do Pirata Zine



bastarda, abusada e suja, porém honesta

marginal desde sempre, não há ‘o’ registro oficial sobre a criação das **fanzines**.

tá, a partir do século XX, adquiriu estética própria, mas, essencialmente, tem parentesco com + de um gênero literário e/ou meio de comunicação, donde se torna legítimo qualquer exemplo que bem defina o que é uma fanzine, conceitualmente: publicação produzida de forma artesanal por e para interessados em temas específicos e caros aos grupos a que pertencem.

comum a qualquer exemplo será apenas a origem etimológica: fanzine deriva da junção de sílabas de duas palavras da língua inglesa: *fanatic* e *magazine*. assim, fan + zine = **revista de fã**.

seja qual for a temática duma zine [hq, cinema, questões de gênero ou, + comum, música], ela compreenderá, por parte de seus criadores, permanente transgressão ao *istabli\$himen*. assim, o único ‘mandamento’ é foda-se o \$inhô, o deus mercado, e suas regras. a única regra pra se fazer uma zine é: **não há regras** – o que inclui as gramaticais. ex:

muit@s falam **O** zine, o que equivaleria a dizer, traduzindo, *o revista de fã*. eu prefiro dizer **A** zine.

a-o zine, se pudesse, diria: óquei. foda-se, e viva a hibridez!

a liberdade total [editorial, de linguagem, formato, com periodicidade ignorada pelos leitores porque desprezada pelos autores] deve-se ao fato de que ninguém faz zines pensando em ganhar dinheiro; logo, “*aqui procê, ó, \$inhô!*”, e, à guisa de *troco* dos clãs zineiros: dedos médios brandidos e tals.

isso feito, voltam pra suas trincheiras capengas, pra celebrar, no caso de zine impressa, o fato de que lambeirão + uns 10 selos pra enviar a próxima edição

pra novos leitores adquiridos sabem lá como, que lhes *pagarão* apenas com selos enviados junto a uma carta em que pedirão pra receber as próximas edições, ou, no caso de zine eletrônica, comemorar o pagamento daquela conta atrasada do provedor, acesso à uébi voltou e poderão enviar a última edição também praquela *mailing* gigantona, presente dum leitor que a *conseguiu* na firma em que trabalha.

tanto sacrifício e esforço pra *isso?*
não. há mais, muito mais, envolvido *nisso*.

é precisamente aí que as zines [e seus antepassados] sempre entraram, e onde sobrevivem: contrapondo-se, pela transgressão ao estabelecido e pelo experimentalismo estético e temático, às fórmulas das verdadeiras minoria\$ – sim, **porque fodido é sempre maioria** [os 99%] –, que se fortalecem pela padronização de pensamento e, logo, de *modus vivendi*, o que se dá, respectivamente, pela informação e, derivado desta, pelo comportamento cultural.

transgressão cultural e comportamental, preterir o preço ao valor. fazer-se ver e ouvir, e assim viver, não apenas existir. fazer zine é isso; e, como se verá a seguir, sempre foi – e ainda surgiu a uébi...

os ‘pais’

até o século XIII, se algo ou alguém fosse digno de registro, um escriba precisava ter, + que bons ossos e músculos, toda a paciência que só mesmo o amor, ou a necessidade, pode dar; afinal, imagine-se tendo de relatar as muitas belezas e virtudes daquele algo ou alguém usando cinzéis, penas, tábuas e papiros cuja textura permitiam ao vivente, se quisesse, escanhoar a barba...

em 1439, quando Gutenberg criou a prensa móvel, talvez muitos escribas tenham comemorado, até se darem conta de que perderiam seus empregos, especialmente os que serviam à igreja, uma vez que a 1ª publicação impressa pela engenhoca foi justamente... uma bíblia – e, valendo-se de sua influência, a igreja garantiu por um tempão que Gutenberg não atendesse outros clientes. bom apenas pros demais escribas, que assim, ainda que trabalhando de forma a sentirem inveja de mulas e bois, garantiram a boia na mesa.

(abre parêntese)

séculos depois da invenção de Gutenberg, derivaria o *offset*, para delírio de zineiros que tinham \$ pra abdicar da impressão em fotocópia. de lambuja, ainda podiam quase se embriagar enquanto rodavam as edições, delícia conhecida por quem já fez provas escolares recém-saídas do rolo, com aquele cheirinho de álcool. na sala de aula, um *aperitivo*; na garagem, um pré-porree...

(fecha parêntese)

no século XVI, em Portugal, escritores e poetas que pensavam e se expressavam à margem dos interesses da corte e da igreja – logo, sem prensa pra rodar suas publicações –, passaram a produzir e imprimir, de forma artesanal, livrinhos com suas obras, os quais, depois de pendurados em varais, eram vendidos em feiras populares. estava criado o cordel, disseminado aqui durante a colonização.

a princípio, a produção nativa reproduzia a receita portuguesa, mas, a partir do século XIX, passou a ser temperada [com humor, principalmente] e misturada a outros costumes – dentre estes, o uso da xilogravura, um dos métodos + primitivos de impressão, para as ilustrações de capa –, até adquirir a forma que conhecemos hoje, com a marca inequívoca da cultura popular nordestina.

pouco antes, na Inglaterra, o múltiplo William Blake adotara um *modus operandi* pra sua produção

que lhe valeu o título extra-oficial [e póstumo, claro] de “o 1º zineiro da história ocidental”.

a razão? como todo zineiro que se preze, o cara fazia de tudo na produção de seus livros: escrevia os poemas, ilustrava-os, 1 a 1, à mão, cuidava da distribuição e das vendas.

certamente, há muitas outras histórias dos períodos e criações seminais às fanzines. essas são apenas as que escolhi, pela superação que suas personagens representam.

alguém tinha de fazer o que precisava ser feito, esse povo [e outros mais] foi lá e fez.

muito + havia por se fazer – e as gerações seguintes, cê vai ver, foram além.

os filhos

século XX, anos 1930, EUA e Europa.

na França e em Portugal, cavalheiros ostentando fumos fidalgos das cartolas às polainas causavam espécie em saraus quando, retorcidos os bigodes, raspadas as úvulas, declamavam versos de conceituados poetas pátrios e de quando em vez, também os gregos e latinos – no original, provocando sob as demais ceroulas presentes um profundo, digamos, acanhamento, e, simultaneamente, ferozes calores sob anáguas e espartilhos, seguidos de algo discretinhas interjeições de u-la-lás! e céusss...

hoje, graças ao acervo de algumas gibitecas, sabe-se que muitos desses ‘covers’ de Verlaine, Camões, Homero, Horácio e afins, na + segura intimidade, deliciavam-se qual crianças em sorveteria, só que lambuzando-se com a tinta usada para imprimir – lá vai... – revistinhas artesanais sobre quadrinhos! e imagine aí: se, à época, quadrinhos já eram considerados coisa de marginal, o que diriam as gentes sobre galaus bem nascidos fanáticos não só pela coisa, mas – merde! raios! – também por uma publicação vagabunda especializada naquilo?

o preconceito leva à clandestinidade, donde é impossível creditar autoria a essas revistinhas.

nos EUA, porém, o preconceito [só que de outra ordem] tornou-se a motivação para certos grupos darem a revistinhas similares uma outra e menos hedonista finalidade.

por lá, as primeiras publicações também se dedicavam ao universo dos quadrinhos, especialmente de ficção científica. a partir dos anos 1940, entretanto, pessoas vistas pela sociedade, quando descobertas, como “alienígenas” passaram a produzir suas revistinhas: os gays.

embora de forma ainda + clandestina, as publicações pipocavam, mobilizando e informando o público para discussões sobre preconceito e dicas de lugares minimamente + seguros pra encontros.

cada qual a seu modo, com propósitos distintos, essas revistinhas foram fundamentais ao desenvolvimento, formal e de abrangência de conteúdo, das zines tais como se nos apresentariam pouco tempo depois. pode-se dizer que, a partir daí, as zines teriam uma cara – ou melhor: caraS.

os espíritos [nada] santos

recapitulando: fanzines são publicações feitas de forma artesanal por e para interessados em temas específicos, com tiragem limitada e periodicidade incerta.

seus parentes + remotos são as revistinhas sobre [ou de] quadrinhos. assim, pode-se dizer que as protozines brasileiras foram as revistinhas eróticas produzidas pelo carioca Carlos Zéfiro, de 1949 até 1970, na + rigorosa clandestinidade. vai lendo.

nas bancas, ficavam escondidas sob o balcão, vendidas apenas quando adolescentes, comprovados os 18 anos, faziam o pedido usando a nomenclatura adotada em divertido contraponto ao conteúdo: “catecismo”... adquirida a edição, seguia-se o rictus: o dono se abençoava 1º, depois promovia a comunhão, alugando a edição [por hora] para hordas de moleques em busca de, digamos, redenção...

na produção, Zéfiro foi genial também na distribuição, conseguindo criar cerca de 500 edições [que

desenhava e escrevia sozinho] sob o + absoluto anonimato, do qual só saiu em 1991, 1 ano antes de morrer, apenas pra desmascarar 1 quadrinista baiano que vinha tentando se promover apresentando-se publicamente como “o verdadeiro Zéfiro”.

o verdadeiro autor se nos apresentou numa entrevista à revista Playboy: Alcides Aguiar Caminha, aposentado do Ministério do Trabalho, emprego com o qual sustentou casa, mulher e 5 filhos, que também ignoravam a verdadeira identidade de Zéfiro!

algumas edições do “catecismo” vendiam até 30 mil exemplares, mas isso não enchia a despensa, com o que, pra evitar demissão por “incontinência pública escandalosa”, portava-se como servidor exemplar em todos os sentidos, preservando, além do salário, sua imagem – e olhe que não bastasse a produção marginal, ainda era boêmio, parceiro de Nelson Cavaquinho em copos e canções, e como encontrava tempo pra ser tantos, e sempre bom, é mais 1 mistério que soube manter preservado.

liberto do anonimato que se impôs, o reconhecimento, inclusive internacional, não tardou: em 1992 [ano em que morreu] recebeu o Troféu HQ Mix, pela importância de sua obra; e, em 2011, seus trabalhos integraram uma exposição de quadrinhos eróticos, no Museu do Sexo, em Nova York.

(abre parêntese)

as zines surgiram no Brasil em 1965, como resposta dos quadrinistas nacionais ao glacial descaso das grandes editoras, com olhos exclusivamente à produção estrangeira, afirma 1 dos maiores especialistas em fanzine, o cearense Henrique Magalhães, que doutorou-se na França sobre o tema, autor do iniciático “O que é Fanzine”, da Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos.

(fecha parêntese)

até aqui, viu-se que produzir zines compreendia, pelos + variados graus de autopreservação, anonimato,

clandestinidade. a transgressão, até então, dialogara apenas com quem a ansiava, e para, no mínimo, sacudir as coisas, era preciso +. incomodar, dar as caras [inclusive a tapas, fosse o caso]. e 1 bando de garotos nos EUA e na Inglaterra, nos 1970, deu. zines e zineiros – ufa... –, também.

o espírito do punk rock veio pra libertar todos de paradigmas, e a oração redentora era simples: **DIY** – ou, “do it yourself”. faça você mesmo. do seu jeito. como der. saber não importa. importa fazer.

certo, integrar uma banda tinha + apelo, mas havia fanáticos incapazes de distinguir 1 tacape de 1 contra-baixo... mas queriam participar de alguma maneira do movimento. então, munidos de máquinas de escrever, nanquim, cola e tesoura, passaram a cobrir a cena, reportando-a em fotocópias que saíram à imagem e semelhança de seus criadores: toscas, desengonçadas, e o principal: cheias da energia e da ousadia abundantes em jovens, que seriam vitais pra acompanhar seus pares nos palcos.

ainda na marginalidade, mas livres da clandestinidade, chegaram em Londres, em 1977, para onde o punk rock se mudara, cresceram e ficaram fortes o bastante pra, necessariamente nesta ordem, cobrir a cena quando a mídia, passado o encanto [e extraído o lucro] com o charme marginal do movimento, rompeu o namoro com o punk rock [e ainda passou a difamá-lo, associando-o a vandalismo de terceiros], tornar-se A voz da cena, com credibilidade crescente, já que músicos e bandas lhes davam entrevistas exclusivas, esvaziando as calúnias da mídia corporativa, e o principal: virar exemplo de meio de comunicação acessível [para produção ou leitura] a qualquer 1.

nenhuma outra zine, até então, encarnara esse espírito e cumprira essa função melhor do que a britânica **Sniffin' Glue**, criada pelo então bancário Mark Perry, em julho de 1976.

o nome lhe veio da canção “Now wanna sniff Some glue”, dos Ramones, remetendo, ainda, ao cheiro de cola usada na diagramação das edições.

começou vendendo míseras 50 cópias, mas saltou rapidamente pra 15 mil, no vácuo da omissão/deformação midiática sobre a cena – por exemplo, por ela soube-se que a porradaria ocorrida durante o Jubileu de 25 anos da rainha foi provocada pela polícia, em simultâneo reconhecimento à chegada da debochada “God save the Queen” ao topo das paradas britânicas, e não pelos **Sex Pistols**, autores da canção, que, ainda + malucos do que o habitual, aceitaram o convite pruma festa em homenagem à rainha a bordo dum barco zanzando pelo Tâmesa.

toda a mídia responsabilizou a banda, *Johnny Rotten* em especial, mas sem lhes dar linha para sua versão dos fatos. a **Sniffin'** entrevistou outros convidados, e soube-se que Rotten nada fez além do que até mesmo quem o convidou esperava que ele fizesse: ser o bobo mau da corte, divertindo e chocando a plateia, o que bastou pra polícia massagear com cacetetes as genivas dele, dos outros Pistols, de quem ria com eles e de quem a eles se solidarizou na hora da coça.

por essas e tantas outras [ajudar a catapultar do anonimato bandas como, além de Sex Pistols, **The Damned**, **The Stranglers**, **Eddie & The Hot Rods** e – já ouviu falar? – **The Clash**], algumas publicações convencionais acharam por bem não negar reconhecimento à SG [e, claro, a seu público]. caso da conceituada revista musical *NME* [*New Music Express*], que saudou a zine como “a melhor, mais saudável e mais engraçada publicação na história do Rock ‘n’ Roll”. arisco, Perry, sentindo ao longe o cheiro de tentativa de cooptação pela mídia, decidiu, em 1977 mesmo, depois de 12 edições, parar de produzir a zine. na última edição, valendo-se de seu prestígio, estimulou seus leitores a não permitirem que as zines morressem, para o que deveriam, + que prestigiar outras zines, produzir, cada 1, a sua.

e muitos atenderam seu pedido. muitos mesmo. mundo afora – o que inclui, claro, o Brasil.

(abre parêntese)

origem do termo punk: inspirado no tira Kojak, do seriado homônimo, que, ao prender os bandidos, dizia “Hey, punk”, Legs McNeil, da Punk Magazine, batizou a revista; depois, identificando [numa moda aqui, num modo ali] em alguns dos músicos que se apresentavam no CBGB semelhanças com os marginais do seriado, McNeil batizou também o gênero, unindo o termo àquele rock cru, ruidoso e ‘sujo’: punk rock.

mas tal inspiração não seria possível se, no século XVII, num dos diálogos da peça “Medida por medida”, o autor, para aludir ao infortúnio reservado à mocinha que se apaixonara por 1 tipo vulgar, marginal e desagradável, não tivesse usado o termo que, já à época, sintetizava todos esses adjetivos:

— Casar com um punk, meu senhor, é apressar a morte.

o autor? ah, sim: *William Shakespeare*.

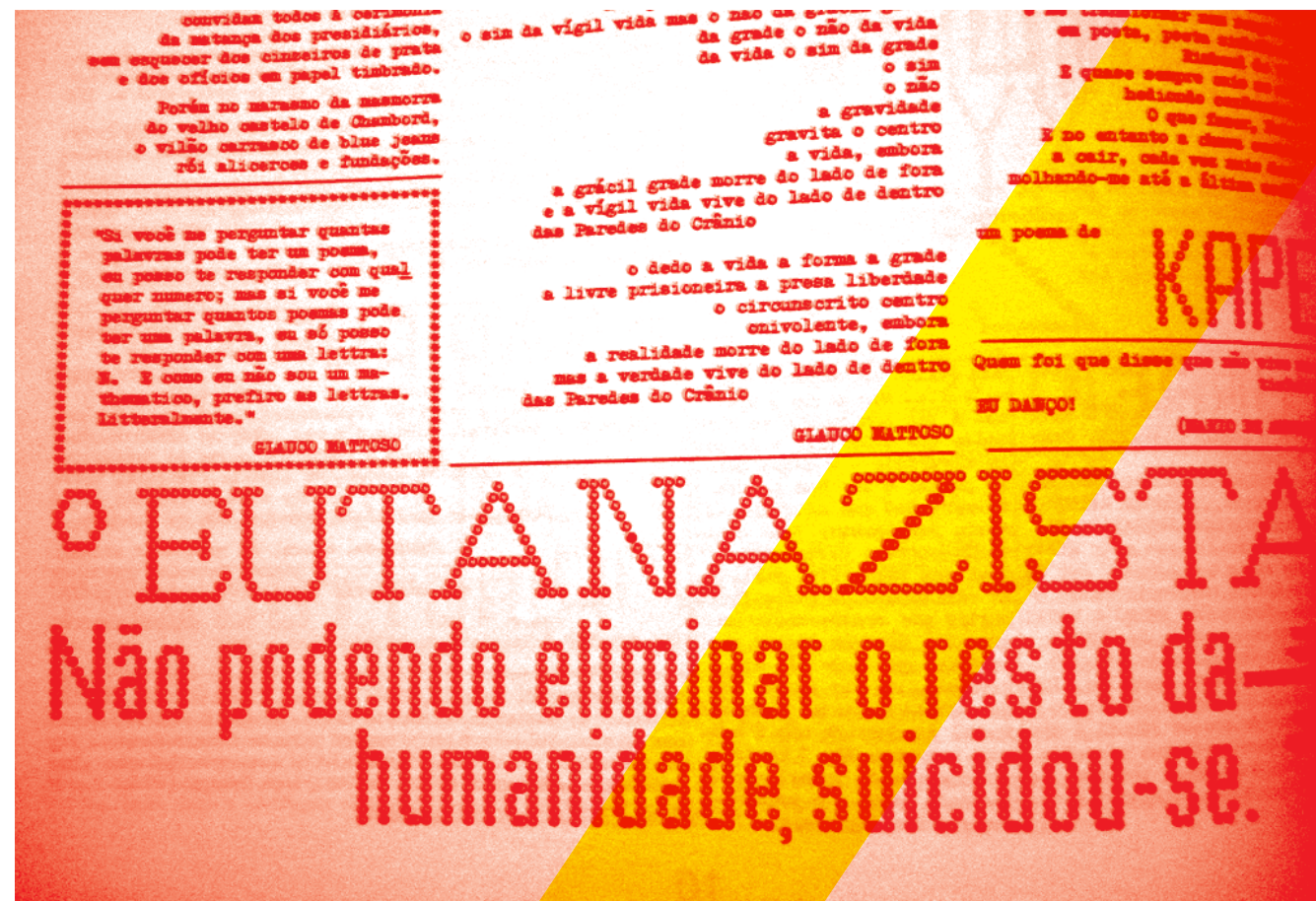
(fecha parêntese)



crédito: Punk Magazine



crédito: Espiritique



crédito: Zinescopia

o movimento punk chegou ao Brasil no final dos anos 1970.

a princípio, limitou-se à extrema periferia de SP. aos poucos, via largo de São Bento, punhados de moleques [ófici bois, maioria] vestidos de preto, com moicanos coloridos ou cabeças raspadas, começam a chegar e ocupar quebradas. delas pra **Galeria do Rock**, pulinho só. de repente, bum!

tanto quanto espantavam alguns, atraíam outros – muitos, do ABC paulista, que, por essencialmente proletário, já concebe seus filhos com o gene da atração à contestação e a transgressão, os ovários do punk.

qual se deu nos EUA e na Inglaterra, no princípio, era o som; depois, veio a palavra [em fotocópia ou, pros poucos que podiam, em *offset*], publicando manifestos, festas, chous, enfim, divulgando e sacudindo o movimento.

qual se deu na Inglaterra, a mídia pátria, a princípio, deixou-se encantar. mais pelo exotismo, verdade, mas, um e outro preconceito fora, o aprouchi foi cordial. enquanto era uma coisa de periféricos, óquei; mas, quando os filhos de seus assinantes começaram a se assanhar, a coisa mudou – e tome-lhe associar vandalismo, vagabundagem e afins “àquilo”...

mas as zines cumpriram seu papel, mantendo e ampliando o movimento.

dada a escassez de recursos de seus criadores, + a despreocupação com o amanhã, impossível dar crédito a todos que produziram. assim, citar 3 que tiveram maior duração e o cuidado de preservar seu acervo: **Factor Zero**, **Vix Punk**, e **SP Punk**.

juntas, ajudaram a projetar as primeiras bandas brasileiras de punk rock [alguma delas ainda aí, na ativa]: **Olho Seco**, **Cólera** [r.i.p.], **Redson**, **Suburbanos**, **Inocentes**, **Ratos de Porão**, **Ulster**, as femininas **Dominatrix**, **Skizitas**, **Zona X**, **Banda sem Nome**, por aí vai, por aí foram.

ao contrário do que se deu nos EUA e na Inglaterra, aqui as zines não serviram apenas à música, mas também a outras expressões culturais, como a poesia – marginal, óbvio –, e, nessa, poucos souberam explorar todas as possibilidades como fez **Glauco Mattoso** na zine **Jornal Dobrabil** [provocação ao **Jornal do Brasil** + o formato dobrável da publicação que manteve de 1977 a 1981].

no final dos anos 90, perdeu a visão em decorrência do glaucoma [doença que converteu em inspiração para seu pseudônimo], mas continua na ativa, colaborando para a revista **Caros Amigos**.

X-paper – ou, mais do [quase] mesmo, com mais poderes mundo, anos 1990.

as fanzines, talvez, nunca justificaram tanto a inclusão de fanático em sua etimologia, pois passaram a ser produzidas por alguns grupos resistentes à cena que sucedeu o punk e durou até o final dos 1980, a **new wave**, que, sim, gerou bandas honestas, que sacudiram quadris e comportamentos, como o próprio punk fizera, e que também teve bandas picaretas, como o punk também tivera – ou como definir generation x, do billy idol? –, mas aí de quem tentasse convencer os puristas disso...

eis que surge, da chuvosa Seattle, a [nova] salvação da lavoura.

o Nirvana adubou searas que o neoliberalismo arrasara também na cultura [logo, no comportamento], entupindo rádios e tevês com tipos bundinhas os + variados – e se *isso*, + que 1 nome de canção, não foi 1 sopro de vida pro punk voltar a chutar a caretice elitizada, eu mudo de profissão e vou vender copos plásticos em Caxambu.

o bum! do **grunge** emanou ondas que se fizeram sentir não só em couros de baterias e cordas de baixos e guitarras, mas também na retomada de fanzines, e, desta feita, em larga escala, porque, além das impressas, passaram a surgir, com outro bum!: o da informática, do qual, com os computadores pessoais e o acesso ao infinito da uébi, nasceram as **zines eletrônicas**.

sai a tinta, entra o silício. fim dos limites de alcance [e de custos] do papel – e + e melhor: antes, pra se apresentar uma banda ou 1 filme pros leitores, só mesmo com chuvas de adjetivos. com a nova plataforma podia-se oferecer clipes e trailers. sem falar na edição de imagens pra ilustrar as edições.

sejamos, sei lá, justos: obrigado, bundinhas.

a subserviência de vocês [especialmente os da tropinha rai téqui] ao phoder serviu pra alguma coisa – ainda que, ao menos até agora, apenas praquela camada social que podemos definir com o nome da cia teatral criada pelo **Antonio Abujamra**: os Fodidos Privilegiados...

apenas estes podem acessar irrestritamente, quando bem entendem, o universo de informações compartilhado via cabos. aquele ainda imenso ‘resto’, não, e taí 1 anacronismo da migração e ou transmutação

das fanzines pra uébi: conseguem interagir de alguma maneira com 1 trabalhador na Bósnia, mas não se fazem *ouvir* por aqueles com quem + precisam trocar ideias, dividir informação – porque é batata: toda e qualquer transformação se dá, 1º, pela informação.

mas, já se disse aqui, viva a hibridez.

há zines de todos os tipos, para todos os públicos – salve, Mark Perry, profeta punk inspirador.

dentre as eletrônicas, há as que se transmutaram em çaites, blogues, videoblogues e poudiquéstis, e pronto, há as que são isso tudo, ou parte, e ainda têm versão impressa, e há, por fim, aquelas cujos criadores produzem de forma totalmente original, no papel, em fotocópia ou *offset*, enviada pelo correio.

o designer gráfico cearense **Azriel** mantém assim a produção da fanzine **The Funeral of Tears**, especializada na cena gótica. mas diversificou as atividades: paralelamente, administra o selo virtual Schatten Projekt, que abriga várias das bandas divulgadas na zine. também criou, em Caucaia, onde mora, a **Zineteca Resistência**, para preservação da memória zineira.



crédito: TFT

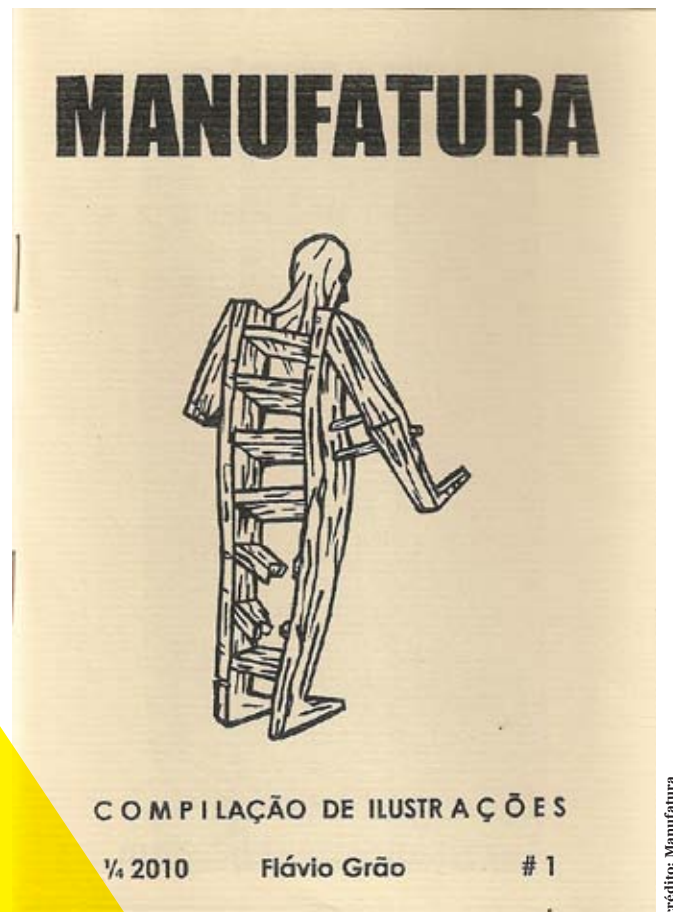
atitude semelhante foi adotada por Flávio Grão, servidor público [educador infantil dos quadros da prefeitura de SP] ilustrador e zineiro em atividade desde o começo da cena punk no ABC, que mantém uma zine eletrônica sobre cultura pop, Zinismo, mas criou e produz a zine impressa Manufatura, por acreditar que o excesso de informações na internet resulta num transbordamento de estímulos que acaba afetando a capacidade sensorial das pessoas.

“com a zine impressa, quero que as pessoas ‘leiam’ calmamente as imagens, voltando as páginas, sentadas num sofá, ou embaixo duma árvore, enfim, saindo um pouco desse ambiente da rede.”

outro que tem se dedicado à preservação da cultura zineira é o paulistano Márcio Sno, orientador pedagógico que, criando ou colaborando, trancou zines até 2007, quando passou a se dedicar às pesquisas para o documentário “Fanzineiros do século passado” – que acabou virando uma série de 3 capítulos –, feito, como 99% das zines, de forma totalmente independente; logo, sem a uébi como plataforma de exibição, dificilmente seria acessível para além de seus contatos.

“atualmente, estou editando a segunda parte, que virá acompanhada de uma zine que será o pontapé pra eu voltar às atividades impressas.”

o lançamento da 2ª parte do doc e da zine é no dia 10/3, na Casa do Fazer, Vila Mariana, SP, durante a II Ugra Zine Fest, uma das ações do projeto Ugra Press, criado pelo designer gráfico Douglas Utescher, para produção, fomentação e disseminação de cultura alternativa e marginal – e valei-nos, dicionário: marginal é quem está à margem [no caso, do *istabli\$himen*], não quem vive de crimes, inclusive no *istabli\$himen*...



o projeto, hoje, compreende a edição do Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas, o já citado festival e também uma editora, publicando livros qual zines fossem, porque, sem desconsiderar a uébi, o projeto valoriza o impresso.

“nosso foco são as publicações impressas. fazemos uso da web para divulgar nossos projetos e fazer contatos. acreditamos que impresso e virtual podem coexistir, cada qual com sua especificidade, sem que um suplante o outro.”

assim como Utescher, Sno e Grão, o paulistano Leandro Márcio Ramos e os gaúchos Jamer Gutierrez e Law Tissot investem na atividade anfíbia, construindo pontes entre as produções artesanal e eletrônica, fortalecendo a difusão e o compartilhamento de uma na outra.

produzindo no papel e divulgando na uébi, e vice-versa.

Leandro garante o lado A, pra pagar as contas, na uébi, como redator de publicidade on line. zineiro desde 2006 [seu lado B], fundiu as duas zines que criou no blogue Dissolve Coagula, do qual extraiu alguns dos textos que, somados a material inédito, integram seu 1º livro, lançado em dezembro de 2011, “Tudo o que é grande se constrói sobre mágoa”, que não hesitou em editar ao modo duma zine, produção que confiou à Ugra Press, e a afinidade conceitual entre autor e editor resultou numa parceria satisfatória a ambos.

“fizemos de modo totalmente artesanal, como se fosse uma zine, mas evitando cair naquele clichê de que zine tem que ser tosco. acho bem possível fazer algo de qualidade, bonito, e, mesmo assim, não transformar esse objeto em algo luxuoso, para mercados hipsters.”

Jamer fez duas migrações: uma, como os demais citados, pra uébi, mas não pra produzir zines, e sim pra criar 1 acervo virtual com as + de 300 zines que, entre compras e trocas, colecionou ao longo do tempo, e as quais compartilha no blogue Zinescópio. a outra migração foi mesmo de atividade, quando deixou de fazer zines pra meter cara no mestrado em Educação, pela UFRGS, concluído em 2010, com a tese *Arte, Filosofia, Ciência e a Estética dos Fanzines*. emendou 1 doutorado em Comunicação, com o que o tempo está curto, mas não o bastante pra comprometer a outra migração: de zineiro a oficinairo de “Produção de Fanzines e sua Inserção no Campo da Educação”

zines e educação juntas. quem diria?

resposta: qualquer ser não obtuso demais pra não ver a conexão uterina entre cultura e educação.

por fim, mas não menos importante, Law Tissot, zineiro desde 1984, quando criou a zine *Mutação*, tornou-se 1 dos artistas gráficos + disputados no *underground* brasuca.

como traçar dúzias de quadrinhos por dia não lhe aplaca o vício em produzir, tornou-se, também, arte-educador. não bastou, então inscreveu 1 projeto num edital da Funarte, em 2009. aprovado, montou [com as próprias mãos e as de outros zineiros amigos] a Fanzinoteca Mutação, agregando-a ao Ponto de Cultura ArteEstação, em Rio Grande [RS], na qual passou a receber, catalogar e organizar edições de fanzines do país inteiro [e algumas do exterior], de todos os tempos.

a sua iniciativa colocou o Brasil entre os 3 países que investiram em espaços pra memória da produção zineira.

a 1ª fanzinoteca do mundo é a Fanzinothèque de Poitiers, na França – Poitiers, até então, era conhecida apenas como terra natal do filósofo Foucault.

a 2ª foi criada na comunidade autônoma galega de Ourense, na Espanha, mas a Fanzinoteca da Casa da Xuventude de Ourense peca por não catalogar os + de 1,5 mil títulos oriundos de cerca de 30 países, Brasil aí incluído. em compensação, promove, há 23 anos, as *Xornadas de Banda deseñada en Ourense*, com a realização de oficinas e palestras de zineiros e quadrinistas de tudo quanto é canto do mundo.

em São Vicente [SP], também há uma fanzinoteca, que seus criadores dizem ter sido a 2ª criada no mundo e a 1ª no Brasil, mas não há dados para comprovar. peca por ainda não ter criado nem sequer 1 çaite pra compartilhar seu acervo, composto por 205 fanzines.

incansável, Law criou e atualiza constantemente um blogue para a Fanzinoteca Mutação. nele, pode-se ver o espaço, as trocentas produções de Law, de outros zineiros, entrevistas, + agenda de eventos do e para o meio.

com a legitimidade de quem atua na linha de frente dos 2 meios, conclui:

“não importa onde e nem como se faça, desde que traduza a liberdade criativa de seus autores”.



crédito: Espiniqué

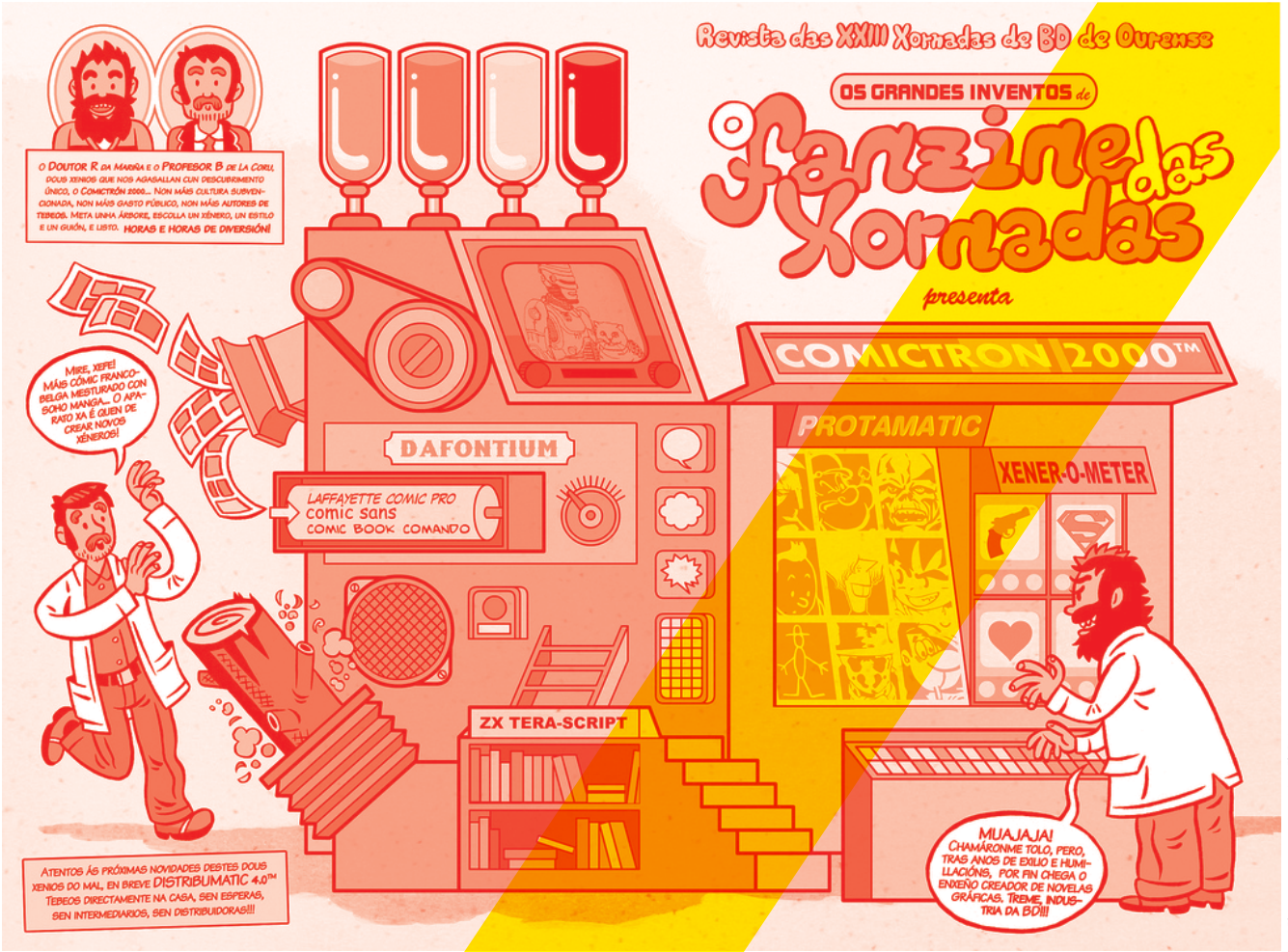
verbo poderoso

é compreensível que muit@s não alcancem o que move tant@s a isso, e a troco de ‘nada’.

as zines, com toda a **liberdade** de que gozam, desde sempre cumpriram o papel de ousar, buscando novas possibilidades, novos caminhos, novos modos de fazer – e nem mesmo a mídia que tanto estigmatizou seus criadores ignora isso. bastou algo parecer-lhe atraente, comercialmente, das duas, uma: ou coopta os criadores, ou fabrica simulacros para \$eu\$ espaços, ou como explicar que 1 dos jornalõe\$ deste país tenha 1 suplemento semanal de nome *megazine* [sic], em que termos como “independente”, “alternativo” e afins são atirados aos rebeldes sem causa qual pirulitos?

com a uébi, e sua capacidade ilimitada de propagação seja lá do que for, as zines ampliaram seu poder de provocar transformações de comportamento cultural [pincípio ativo para qualquer avanço], contrapondo-se, de forma mais equilibrada em volume, e plural em essência, àquilo que sempre combateram – e quem representa as razões de tanta contestação e crítica sabe muito bem desse equilíbrio de forças – e tome-lhe “sopa”, “ai-5 digital” e outras tentativas de manobras prenhes de censura.

- o recibo tá passado.
- faça você mesmo.
- faça você também.
- faça.
- fazer zines é trepar com a liberdade.
- e gozar [e fazer gozar] gostoso.
- juntinho.
- permita-se.
- na real e/ou no virtual.



crédito: Roque Romero (@Flickr)

(abre parêntese)

não de agora, há prêmios para a produção zineira.

não se criou, ainda, nenhum específico, mas a categoria passou a ser contemplada em premiações promovidas por associações, editoras e salões de quadinhos. alguns deles:

- Saló del Còmic de Barcelona**, para hq, mas premiando fanzines desde 1980;
- Angouleme**, criado em 1974, destinado à premiação de hq, inclui fanzine desde o início;
- Hugo Awards**, criado para premiar fanzines de ficção científica. a princípio, apenas impressas, mas incluiu um prêmio também para zine eletrônica;
- HQMix**, que premia incluiu prêmios para melhor fanzine do ano e melhor revista independente.

na Espanha, especificamente na autônoma província basca de Bilbao, há subvenção governamental para a produção de fanzines, por meio do *Ayuntamiento* [uma espécie de ‘prefeitura’ da província] de Bilbao.

(fecha parêntese)

Eles escrevem sem papel

—
A tecnologia transformou os livros, criando diferentes formas narrativas. No Brasil, o interesse pela e-lit cresce, destacando autores inovadores e um público ávido por originalidade
—

Luiza Miguez



Microbot

crédito: Eduardo Kac



crédito: Guto Lins

Em cinco séculos, o livro pouco mudou. Mas, na última década, novas tecnologias vieram quebrar a linearidade da página impressa, acrescentar diferentes mídias e efeitos visuais, oferecer uma interatividade inédita entre autor e leitor. Há toda uma série de ferramentas que vêm sendo utilizadas por artistas para dialogar, poeticamente, entre o virtual e o real.

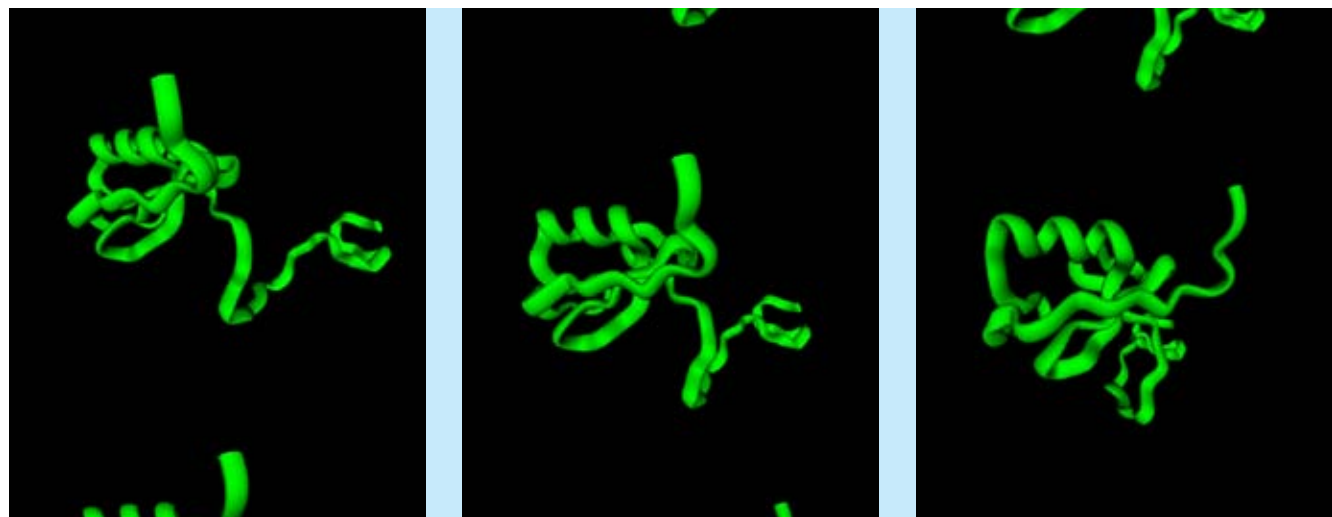
Do encontro entre a tecnologia, a criatividade e a subjetividade, nasceram a poesia eletrônica e experiências como a *twitteratura*, a *wikiliteratura*, entre outros. Pelo mundo, escritores e artistas como Robert Coover, Noah Wardrip-Fruin e John Cayley revolucionam a ideia de literatura, expandindo os horizontes para além da escrita. No Brasil, vários autores também vêm fazendo o mesmo esforço, aproveitando-se dos recursos mais simples aos mais elaborados para criar uma literatura que salta ao papel e encontra seu lugar no universo virtual.

As primeiras produções nacionais de fôlego datam da década de 1990, e caracterizam-se pelo predomínio de autores consagrados e da exploração multimídia do texto poético. Os poetas Lenora de Barros, Arnaldo Antunes e Andre Vallias são alguns nomes desse período que viu nascerem e ganharem vida poemas cinéticos. Também produções anteriores, de poetas concretistas, como

Augusto de Campos e Ferreira Gullar foram reformados e animados em flash, como “Poema Bomba” e “Girassol”, respectivamente. Marcou época a instalação multimídia “A contribuição multimilionária de todos os erros”, de Arnaldo Antunes, Lenora de Barros e Walter Silveira, que combinava transcrições do Manifesto Antropofágico com ambientes sonorizados e vídeos.

As criações demonstram originalidade ao incorporar vídeo e texto, resultando em poesias cinéticas famosas, como “Oratório”, de Andre Vallias. O designer e poeta dedicou-se ao que chama de poesia como “design de linguagem”, em uma época pré-web, na qual os recursos multimídia eram escassos. “A principal dificuldade, no período, era ter acesso ao hardware. Outro problema crucial era a veiculação dos trabalhos, que se restringia, em um primeiro momento, a plotagens, reproduções fotográficas, exibição em terminais de computador ou distribuição nos precários disquetes”, lembra Vallias.

Com os avanços nas tecnologias digitais e a popularização das redes sociais e softwares online, a literatura eletrônica alcançou outros novos gêneros e mídias, abrindo caminho para experiências narrativas inovadoras. Levando ao extremo o conceito de interatividade, seus desdobramentos estão agora na área dos



crédito: Eduardo Kac

autores-criadores, que exploram recursos comuns como Google Maps, Twitter, blogs e a Wikipedia, para gerar literatura. Houve também os que foram em busca de formas expressivas mais sofisticadas, misturando programação, algoritmos e arte. Assim nasceram os textos generativos, a literatura *mobile*, os *enhanced books*, *chatbots*, a versão 2.1 das ficções hipertextuais, os *books*, entre outros.

Novas linguagens pedem novos autores. Na rede, se destaca o blog *MixLit*, do escritor carioca Leonardo Villa-Forte (assunto na *Revista Overmundo* nº 2), uma espécie de DJ da literatura, que brinca com experimentações e mixagens de textos consagrados, criando verdadeiros mashups literários. “É uma provocação às fronteiras entre leitor e autor. A intenção é de fazer um jogo com a literatura, para ressaltar a possibilidade de criação sem limites, explorando o leque infinito de interpretações ao deslocar e encaixar trechos de uma forma que, em novo conjunto, produzam novos significados”, explica Leonardo. O projeto, como outros da literatura eletrônica, coloca em questão a propriedade intelectual e o próprio conceito de autoria, ao fazer um *remix* de frases de outros autores. “Com essas ligações, pretendo proporcionar algo como uma vida bastarda aos trechos utilizados, jogando-os entre irmãos de diferentes pais, e de alguma forma tentando ver nisso a máxima de que a literatura nasce do mundo para o mundo”, completa o escritor.

Já o portal “Poesia Aleatória”, da jornalista mineira Raquel Camargo, explora recursos interativos,

ao oferecer pelo dispositivo Google Docs uma criação poética aberta, na qual o leitor pode colaborar. O misterioso perfil “Julia”, no Google Maps, narra uma história em imagens cartográficas, ao mapear e catalogar suas interações amorosas. As atualizações de Julia em “De onde vieram os homens que beijei”, “De onde vieram os homens com quem dormi” e “De onde vieram os homens que eu ameï” são narrativas curiosas, e também divertem por seus recursos visuais. Pode-se ver, por exemplo, onde mora o homem que Julia amou no Rio de Janeiro, andar pelas ruas que o casal apaixonado passou, juntando cenário e história em uma brincadeira do que é – e do que não é – real. O YouTube também é espaço para criações, misturando vídeo e narrativas, como nas performances poéticas do paulista Wilton Azevedo e os vídeos-poemas do escritor pernambucano Marcelino Freire.

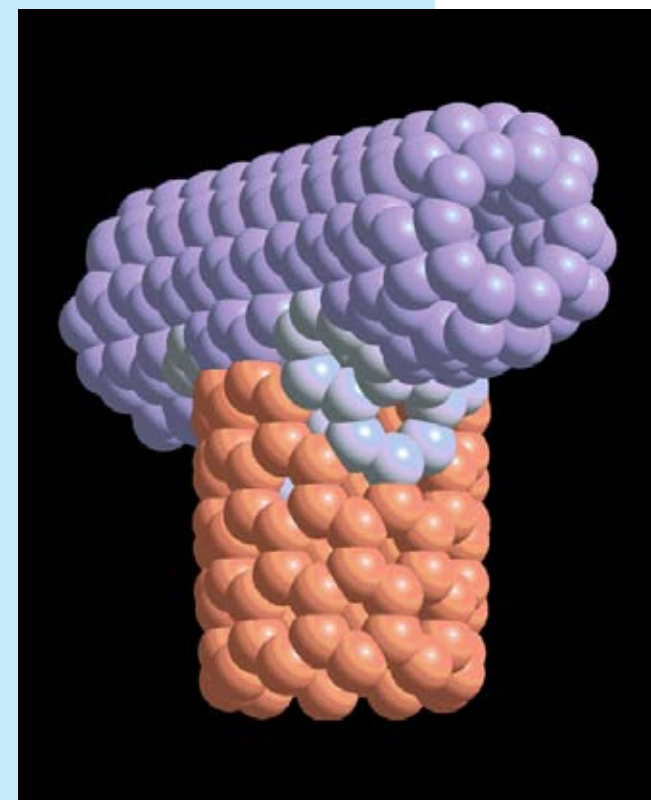
As experimentações literárias tornam-se cada vez mais elaboradas, com a inserção de tecnologia avançada. É o caso das produções do escritor e performer carioca Eduardo Kac, que impressionam em seu conceito e forma. Os dispositivos de Kac permitiram a criação da *poesia holográfica* (holopoesia) e da *biopoesia*, que mistura poemas, biotecnologia e organismos vivos. Escritas com átomos, DNA, amebas, linguagem das abelhas, suas obras abrem um novo horizonte de possibilidades literárias, no campo da *e-lit*. Outros criadores exploram softwares de animação e de armazenamento, e os portais online, para construir narrativas hipertextuais 2.1 que possibilitam

experiências de co-autoria. No site “A história de Selma”, da professora paulista Maria Cristina Costa, o leitor é apresentado à narrativa e é convidado a direcioná-la. Já o livro *Eros & Psique.com.br*, do escritor e ilustrador Guto Lins, combina literatura impressa e interações virtuais. O site dispõe de um retrato falado a ser montado pelo leitor, textos abertos à colaboração e códigos de leitura QR (os QR-Codes, que apontam para novas páginas que só existem no mundo virtual). A experiência foi um desafio para o carioca, que nunca havia feito um livro “híbrido”. “Antes de tudo, foi preciso entender aquela dinâmica com que estava trabalhando. Pelo ineditismo do projeto, o levantamento de dados e a pesquisa de soluções foram parte do trabalho. Você precisa conhecer como funciona para poder pirar em uma produção que seja factível”, diz. “Em um livro eletrônico, a equipe de trabalho triplica; o tempo inteiro a narrativa foi construída com a colaboração dos parceiros do design, da gráfica e da programação”, conta Guto. “A gente vai atirando a esmo e vendo no que acerta. É preciso ser curioso.”

O campo da literatura eletrônica é muito novo, e seus desdobramentos na criação literária ainda são difíceis de medir. Enquanto na web surgem obras e autores de todos os lugares, nos veículos de comunicação, o debate ainda se prende ao futuro do livro impresso.

Com escassa reflexão teórica, poucos são os pesquisadores que acompanham e apresentam ao público o desenvolvimento da produção literária brasileira em mídia digital. O escritor e professor Jorge Luiz Antonio destaca-se pelo ambicioso mapeamento que preparou para o livro *Poesia digital: teoria, histórias e antologias*, no qual levanta esse tipo de experiência no Brasil. O pioneiro *O livro depois do livro*, da pesquisadora Giselle Beiguelman, uma combinação de livro e site, lança luzes sobre os novos suportes de leitura e as possibilidades da criação virtual, experimentando ela mesma a escrita em uma plataforma híbrida. Também dedicado à pesquisa e produção na área de literatura e tecnologia, o professor e poeta Alckmar Luiz dos Santos publicou *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*, no qual explora o universo da literatura eletrônica e das criações disponíveis da web, além de apresentar um poema em hipertexto de sua autoria. Tanto o livro de Giselle Beiguelman, quanto o de Alckmar Luiz podem ser baixados gratuitamente na internet.

A totalidade deste universo tecnológico, no entanto, precisa ainda de muito mais pesquisa e divulgação. Não existe nada parecido à biblioteca de obras, textos de referência e ensaios da *Electronic Literature Organization* (ELO) ou da *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*. Das obras de referência brasileiras, a *Enciclopédia Itaú Cultural* é uma das poucas que fazem levantamento deste universo em expansão, que vem sendo sistematicamente ignorado pela crítica literária tradicional. É que, enquanto alguns buscam um novo papel, esses autores continuam escrevendo...



crédito: Eduardo Kac

Overmundo em Pílulas

—
Em todas as edições, a Revista Overmundo seleciona o que de mais bacana circulou e gerou discussão entre os conteúdos do site nos últimos meses. Leia mais em overmundo.com.br
 —

01

Discípulo de Coltrane

Promessa da noite fria paulistana, discípulo de Coltrane no sax, Vinícius Chagas honra os grandes mestres do jazz como uma criança falando de seus heróis dos gibis.

—

02

Hare...

Dois hareburgueres, alface intergalática, queijo cósmico, molho espacial... Você já comeu Hareburguer na praia? E na Harelanchonete? Do posto 9 de Ipanema para o Universo, Raphael Kras investe no 'festifud' vegetariano e faz sucesso!

—

03

Beco das cultura

Buscando movimentar a cena do Vale do Mucuri (MG), o Beco das Cultura (isso mesmo, "das"!) concentrou manifestações tão diversas quanto fotografia, teatro, música, cinema, grafite e quadrinhos.

—

04

Qui Xita Bacana

O carnaval de rua potiguar está se revitalizando. Conheça um pouquinho mais da história recente desse movimento e desfile com o bloco Qui Xita Bacana.

—

05

Videomapping e cartografias imaginárias

Mapeamento de paisagens urbanas, intervenções, videomapping e cartografias imaginárias estão no cardápio do projeto carioca Vide Urbe, idealizado por Moana Mayall, em texto de Renato Rezende.

—

06

Artistas de rua em Manaus

Também explorando o espaço público, Rosiel M. expõe um olhar apurado sobre os artistas de rua de Manaus, concentrando-se no trabalho do retratista Amós Pereira e nas cerâmicas de Cleudison Palhaço, que faz de tudo um pouco. Até malabarismo!

—

Bom, barato e democrático

—
Cena audiovisual no Piauí é rica em produtores independentes e realizações amadoras – dos filmes em cartaz nos teatros da cidade aos coletivos e festivais que investem no *cell-video*
—

Vanessa Mendonça

Levar o teatro para o cinema, salas de vídeo, computadores e celulares em qualquer lugar do mundo. É com esse objetivo que o ator, autor, produtor e roteirista piauiense Franklin Pires brinca, “com paixão e seriedade”, de fazer cinema. Conhecido no Piauí principalmente pela realização de paródias de filmes da saga hollywoodiana *Crepúsculo*, Franklin aproveita as facilidades da era digital para investir na produção audiovisual e divulgar seu trabalho multimidiático.

“Trabalhei com vídeo desde o início da minha carreira. Morei no Rio de Janeiro e lá fiz um curso de interpretação para a TV. Voltei com a ideia de fazer algo relacionado à TV. Fui a primeira pessoa a fazer um seriado na TV piauiense, *As aventuras de Nino*. Também fiz a primeira web-novela do Piauí e uma das primeiras do Brasil, chamada *Os segredos da Mona-lisa*, em um site independente que tinha como proposta ser um canal de TV só com vídeos na internet”, relata Franklin sobre suas primeiras experiências com o audiovisual.

Integrante da Cia. de Teatro da Tribo, Franklin começou a experimentar a mistura entre teatro e cinema com o infantil *Franklinstein Júnior*. “Desenvolvi uma animação para essa peça, feita quadro a quadro. Desenhei e pintei mais de mil quadros para fazer a sobreposição na tela”, explica.

Na sátira *Corpúsculo*, Franklin levou para o teatro projeções de paisagens do filme *Crepúsculo*, que fizeram grande sucesso entre o público. Mas foi com *Eclampse*, quando passou a produzir as imagens projetadas, que Franklin aproximou-se do mundo das filmadoras, ilhas de edição e programas de efeitos especiais. “Foi daí que surgiu a ideia de fazer filmes. Fizemos o *Corpúsculo*, que pegou muito e está rodando em todo o estado. Em seguida fiz o curta *Coração Saltimbanco*, sobre educação. Depois fiz um longa sério, no sentido de ser mais profissional, o *Mocambinho, o filme*”, enumera o produtor cultural.

Sério, nesse caso, quer dizer, segundo Franklin Pires, com maiores recursos de captação de imagem e som, de edição e finalização; mas, ainda assim, com dificuldades técnicas. “Todo o recurso vem do meu bolso. Fiz esse filme com R\$ 12 mil, que eu usaria para fazer um intercâmbio em Nova York. Aluguei casa no Mocambinho [o título do filme é o nome de um bairro de Teresina, onde se entrelaçam as histórias do enredo], comprei filmadora digital que filma em *HD*, computador, uma boa ilha de edição, *boom* [microfone direcional]. Ele tem um aspecto caseiro, mas tem todo um lado profissional. Tenho orgulho de dizer que foi feito aqui. Muita gente elogia porque sabe que a gente não tem dinheiro, mas faz. Para fazer em película, sairia o preço de vários intercâmbios em Nova York”, conta.

A receita bem-sucedida da sátira despretensiosa é repetida no filme *Eclampse*, também sucesso nas salas de exibição montadas em teatros e casas culturais, e na internet. A opção pela exibição dos filmes fora dos cinemas se deve, segundo Franklin, aos horários oferecidos pelos proprietários de salas de projeção em Teresina. “Queriam me dar um horário impraticável, uma hora da tarde. Então, fomos para o teatro. E lotamos o Teatro 4 de Setembro (principal casa de espetáculos do Piauí). Repetimos o bom público na sala Torquato Neto (sala de teatro onde esporadicamente são exibidos filmes). Nossa primeira tiragem em DVD, de mil cópias, está esgotada”, comemora Franklin.

E, para o produtor, o sucesso das exibições dos filmes e de visualizações em sites como o Youtube levam ao aumento também do público de suas peças. “A internet é a grande ferramenta de quem faz vídeo, filme, teatro. Coloquei o trailer de Mocambinho na internet despretensiosamente e em uma semana tinha 15 mil visualizações. Tem todas as partes de *Corpúsculo* e não fui eu que coloquei. Foi alguém que gostou e colocou. Não tenho problema com isso. Filmes no Piauí servem para me divulgar”, opina, acrescentando que as pessoas acabam indo ao teatro “ver o cara do filme que elas gostaram”.



“A bilheteria do cinema não vai dar o retorno. O resultado dos filmes está na bilheteria do teatro”, argumenta.

Diagonal da arte

Uma câmera digital compacta foi tudo que a arte-educadora Meire Fernandes e o professor de História Aristides Oliveira precisaram para iniciar suas incursões pelo mundo da produção audiovisual, em 2006. Hoje, o casal forma um dos principais coletivos culturais audiovisuais do Piauí, o Diagonal, e mostra que em tempos de equipamentos de filmagem com preços acessíveis e programas de edição de fácil manuseio, é preciso apenas criatividade e disposição para ser *videomaker*.

“Você pode baixar na internet um programa de edição de imagem e música, usar uma câmera fotográfica ou celular para registrar suas impressões, chamar os amigos para ajudar no processo criador, enfrentar os programas de efeitos especiais gratuitos e manipular seus sonhos. Basta acessar, ter paciência e se agarrar nos tutoriais que guiam passo a passo para a democratização”, diz, entusiasmado, Aristides.

Com muita inquietação na cabeça, o casal começou a produzir vídeos por curiosidade. A tal câmera que deu início à história dos dois no cenário audiovisual foi prêmio de um concurso de fotografia amadora realizado em 2006 por um jornal de Teresina em homenagem ao aniversário da cidade. O envolvimento de Aristides com a fotografia surgiu por influência de Meire, então estudante de artes plásticas. Além do concurso de fotografias, o casal chegou a expor o ensaio “Mapeando os odores e excessos do Centro” no festival Expo Foto, em Belém do Pará. Mas as brincadeiras com o modo “filmar” da câmerazinha despertavam cada dia mais interesse. “Nós íamos testando, brincando. Era bem precário. Começamos com

vídeo-foto para ver como lidar com edição. A gente já tinha certa experiência com leituras sobre cinema, cinefilia”, lembra Aristides Oliveira.

Com o Diagonal, o casal promove exposições e produz filmes de curta e longa metragem. O coletivo foi criado em 2007, “nos corredores da Universidade Federal do Piauí”, por Aristides, Meire e Pablo Marquinho. Os três faziam parte de grupos de estudos voltados para a pesquisa de cinema e de fotografia. “Nosso trabalho é focado na realização de vídeos e mostras de cinema na cidade, pois sentimos falta de eventos que valorizem a área. Foi nesse desejo que iniciamos nossas atividades com a I Mostra de Cinema Marginal, e logo após, em fevereiro de 2008, montamos uma mostra não-competitiva de curta metragem nacional: A Diagonal Não Ofende Ninguém”, relata Meire.

A criação do grupo visava ainda à formação de plateia e, a partir daí, incentivar os amantes do audiovisual a se tornarem *videomakers*. “Nós temos mais vontade de fazer. Não temos vontade de ser cineastas. Claro que queremos melhorar, aumentar a qualidade da câmera, mas sempre priorizamos o impulso criativo. Queremos investir na poética do amadorismo mesmo. O amadorismo é uma forma de resistir às dificuldades da produção audiovisual”, avalia Aristides.

O Coletivo Diagonal explora a linguagem do experimentalismo na imagem, sem estar vinculado a eixos temáticos. “Cada vídeo feito por nós é resultante do espírito criador que flui na construção das ideias naquele momento. Atualmente, estamos trabalhando em cima de documentário, de entrevistas. E assim estamos sempre abertos a novas possibilidades criativas e formas de leitura audiovisual”, afirma Meire Fernandes. *Revolução dos pirulitos* e *Sem palavras* (ambos de 2010)

são os primeiros resultados da experiência documentarista do casal.

Nas mostras promovidas pelo Diagonal são exibidos filmes vasculhados por Aristides em todo o país durante pesquisa de acervos particulares. O professor de História tem hoje cerca de 330 filmes para exposição. O grupo exhibe obras profissionais e amadores, “sem estereotipia de bom ou ruim”, e conta ainda com o apoio de coletivos e eventos de outros estados brasileiros, como o Festival Nacional do Minuto e a Associação Cultural Videobrasil.

“Equipamentos baratos, como câmeras, tripés, programas de edição se aliam nesse processo, pois nós somos *videomakers* amadores – leia-se: ‘aquele que ama’ – e temos acesso a vários suportes a preço baixo, pois esses meios estão cada dia mais disponíveis aos interessados em dar os seus primeiros passos no audiovisual, sem pretensões ou vontade de atingir a carreira cinematográfica ou grandes mídias, trabalhando sem prazos de entrega ou prestações de contas em editais de cultura”, comenta Aristides. “Buscamos fazer filmes com os recursos que temos, dentro dos nossos limites de apropriação desse material, para incentivar a turma que deseja se expressar por esse caminho, mostrando que a democratização das mídias móveis e dos meios de difusão virtual vieram para ficar”, acrescenta.

O casal diz não precisar de “grandes câmeras, grandes circuitos, grandes *egolombrismos*”. “Precisamos apenas de honestidade intelectual, trabalho em equipe e vontade de fazer um filme significativo, dentro dos objetivos traçados, pois qualidade não é imagem de alta definição, mas impulso criativo”, pondera o professor.

E mesmo sem o objetivo de ser grande, o Diagonal tem chegado longe. Literalmente. A dupla já participou de exposições e festivais como REC (ES), Mostra do Filme Livre (RJ), Festival Câmera Olho (SP), Mostra Índice de Vídeo Arte (PE), Festival de Vídeo Bolso (MA). “A experiência de participar dos festivais é sempre muito interessante, pois amplia os contatos e abre caminho para conhecer novos trabalhos, que nos inspiram e mantêm o fluxo das ideias em pé”, analisa Meire Fernandes.

Segundos decisivos

Os festivais são um dos principais espaços de exibição da produção audiovisual amadora. Em 2009, o Coletivo Diagonal foi colaborador do Festival Medplan de Filmes de Celular, que tinha como objetivo incentivar a produção de *videomakers* amadores no Piauí, tendo como

plano de fundo o bom humor e a irreverência. Para participar do Festival, bastava inscrever-se com um vídeo com duração entre 30 segundos e dois minutos e confeccionado com celular (*cell-video*).

“O Coletivo circulou em algumas escolas da capital para expor aos alunos o potencial que os celulares têm na atualidade para capturar imagens e produzir filmes dos mais variados formatos. Isso gerou uma circulação válida nessas escolas porque semeou a possibilidade de novas realizações e convidou todos a entrarem nesse universo criativo”, disse Meire Fernandes.

Os idealizadores do Festival Medplan de Filmes de Celular foram o médico José Cerqueira, presidente do grupo, e a jornalista Clarissa Poty. “Desde 2009, todos os anos é realizado, por exemplo, o Salão de Humor Medplan. Naquele ano, a empresa foi procurada para apoiar a formação de um cineclubes em Teresina. O projeto acabou não saindo, por desistência do próprio grupo que nos procurou, mas o Dr. Cerqueira ficou com aquela ideia de apoiar alguma iniciativa envolvendo cinema”, lembra, Clarissa.

Após várias discussões, chegou-se ao formato do festival, com competições entre *videomakers* e inscrições através da internet, aproveitando o Portal Medplan, que tem cerca de 100 mil acessos mensais. “A escolha pelo celular visava facilitar a participação de diferentes públicos, já que quase todo mundo tem um celular com câmera. A ideia era democratizar essa produção. Foram abertas inscrições para todo o Brasil”, diz Clarissa Poty. A premiação oferecida era R\$ 3 mil para o prêmio do júri e R\$ 2 mil para o prêmio do público.

Dentre mais de 50 vídeos inscritos, os trabalhos vencedores do Festival foram: pelo júri, Bárbara, de Maurício Lídio Bezerra, de Salvador; e pelo voto do público, Boca suja, de Marcos Samuel Brandão e David Marinho, de Teresina.

Boca suja narra a “história de uma boca e seu transtorno bipolar”. “Nós já tínhamos um ritmo de criação, já éramos ligados em cinema, em todas as artes. Já tínhamos feito curtas, mesmo sem festival algum, só por fazer para ver nossa ideia concretizada. Fazíamos curtas em mini-DV porque um grande filme requer muita estrutura. Sempre fizemos trabalhos pequenos, conceituais. Diante dos poucos recursos que a gente tinha, o festival da Medplan era viável e interessante também”, conta Samuel Brandão, que é graduado em jornalismo e estudante de artes plásticas.

Dois dias antes do fim do período de inscrições, a dupla escreveu três roteiros e decidiu executar *Boca*



suja, que, segundo Samuel, tinha roteiro mais sintético. “Gravamos com celular, claro, e editamos no [Adobe] Premiere, usamos um pouco do After [Effects] também. O David Marinho já era um editor conceituado, trabalhou com Cícero Filho, é muito amigo do Dalson Carvalho, trabalhou inclusive com o Douglas Machado [três conhecidos cineastas piauienses]. Há muitos profissionais nessa praia de edição que viram profissionais ‘mecânicos’, fazem trabalhos para determinadas empresas e não se disponibilizam a fazer trabalhos criativos porque o retorno é difícil”, afirma.

Aos 19 anos, calouro do curso de Jornalismo, Samuel produziu seu primeiro curta, também em parceria com David Marinho, chamado *Artérias*. “O roteiro tratava das árvores como artérias do mundo. Uma viagem. O importante é produzir. Com a tecnologia atual você é artista dentro da sua casa. Qualquer um pode ser genial com pouco recurso. Além disso, todo mundo é igual na internet”, comenta.

E Samuel continua produzindo. O parceiro mais frequente, David Marinho, não mora mais em Teresina, mas alguns trabalhos vêm sendo costurados com outros colegas. “No momento estou mais escrevendo roteiros e à espera de um recurso que captei em 2009-2010, mas ainda não recebi. Será *As Cores de Teresina*, uma história baseada em um documentário que eu fiz chamado *Nonato Oliveira Colorindo Teresina*, sobre a arte do pintor Nonato Oliveira. Com um orçamento maior, pretendo mostrar outros artistas para falar das cores da cidade



enquanto metáfora de caracteres simbólicos do que é Teresina”, explica.

Janela para o mundo

Se os equipamentos de gravação digitais e os programas de edição e efeitos especiais simplificados possibilitam que muitos leigos e amantes do audiovisual tornem-se produtores de conteúdo em diversas linguagens, a disponibilização desse conteúdo na internet é o modo mais fácil de fazer com que suas criações cheguem ao público.

“A internet entra como nova via para espalhar para o mundo esses esforços, com resultados concretos e animadores. É pelo YouTube, DailyMotion e outros canais que temos nosso público, e é lá que vamos continuar, profissionais e amadores, consumindo e apropriando-nos criticamente dessa democratização que chegou na hora certa”, avaliam Meire Fernandes e Aristides Oliveira, do coletivo Diagonal.

Para Samuel Brandão, em um mundo cada vez mais conectado à virtualidade e às novas mídias, qualquer pessoa interessada em audiovisual é um potencial produtor cinematográfico. “Não há mais a hierarquização comunicativa; não é preciso esperar vir de Hollywood. Qualquer pessoa, tendo um computador, uma ilhazinha de edição... os softwares atuais facilitam demais a vida dos videomakers. E o YouTube é uma vitrine para se mostrar esses trabalhos. O público está mais interligado e facilita o consumo desse material. Essa possibilidade multiplica as linguagens comunicativas, as temáticas”, avalia.

Cell-foto

Um novo espaço para exibição de trabalhos artísticos amadores amparados em equipamentos digitais foi aberto recentemente em Teresina dentro do já tradicional Salão de Fotografia, promovido pela Prefeitura Municipal. O festival chegou a sua 16ª edição em 2011, incluindo uma mostra competitiva de fotografias feitas com telefone celular. “Essa ideia surgiu de uma conversa informal com artistas e fotógrafos. Ali foi discutida a possibilidade de tornar o evento mais sintonizado com as rápidas mudanças tecnológicas, acompanhá-las mesmo. A intenção não seria, então, mudar um evento que já é conhecido pela categoria, mas fazer com que ele acompanhe o que vem acontecendo”, conta Josy Brito, produtora cultural e diretora da Casa da Cultura, que promove o festival.

A qualidade do material inscrito animou os organizadores. “O ganhador da categoria Novas Mídias venceu

com uma fotografia de altíssima qualidade. Tivemos um material bem produzido, uma foto nítida, mas, artisticamente, a baixa resolução pode até mesmo justificar a questão da linguagem”, disse Josy Brito, questionando críticas comuns à qualidade dos trabalhos fotográficos feitos com equipamentos menos sofisticados, como câmeras compactas e celulares. A foto ganhadora, “Um Dia de Folga”, é de autoria de Márcio Danilo de Medeiros Sousa, que levou o prêmio no valor de R\$ 1 mil.

Para a produtora cultural, o barateamento desses equipamentos aumenta a viabilidade da produção fotográfica e audiovisual. “Uma vez que os equipamentos estão cada vez mais acessíveis, é possível essa recrudescência de uma produção independente e da aproximação cada vez maior das pessoas com esse universo. Mesmo as câmeras mais baratas hoje possuem uma qualidade de imagem que permite a reprodução e a aceitação desse material, muitas vezes caseiro. No caso do desabamento dos prédios no Rio de Janeiro, por exemplo, as imagens feitas pelo celular de um catador de papel foram das primeiras a serem usadas e mais reproduzidas. Um registro único e feito na emergência do fato. Imaginem se o mesmo catador de papel, em outras épocas com uma câmera custando R\$ 15 mil, poderia fazer o mesmo”, exemplifica.

Apesar do bom nível do material exposto dentro da categoria Novas Mídias no Salão de Fotografia, o número de inscritos ficou aquém das expectativas dos organizadores. Isso, porém, não os desmotiva a manter a nova categoria no festival. “Acreditamos que faltou uma divulgação mais incisiva, mas a experiência nos motivou a atentar para a insurgência de novas formas midiáticas, como as redes sociais, tão mobilizadoras e, porque não, publicitárias”, avalia Josy Brito.



— Oi, jovens!

Sucesso na internet, os vlogs de jovens reclamando da vida inspiraram uma resposta à altura. A terceira idade chegou para conquistar as mídias sociais

—
João Victor de Mello

“Oi jovens, meu nome é Fernando”, diz o velhinho sorridente para a câmera. “Eu vou gravar um *vlog*, mas tem que esperar esse filho da puta [do andar de cima] parar de bater. Deve ser velho pregando quadro.” Entre uma parada e outra para ir ao banheiro, por causa da incontinência urinária, Seu Fernando comenta os dramas da velhice. A sinceridade e o mau humor que conquistaram mais de 7 milhões de visualizações no YouTube tentam mostrar que problema de jovem não existe, assim como não existem mais as ereções matinais, de que Seu Fernando lembra com saudosismo.

Foram cinco dias desde estreia na rede até o protagonista aparecer no primeiro programa de TV. Seu Fernando se tornou celebridade da web, o único vlogueiro da terceira idade. É parado na rua para ser fotografado, tem fãs de todas as idades e já recebeu até proposta de casamento. Mas ele vai continuar reclamando, porque só existe nos poucos minutos de cada vídeo. A fama fica para Silvio Matos, 68, que interpreta o velho resmungão.

“Casa com a minha avó. Ela está inteirona”, conta Silvio, aos risos, sobre as propostas indecentes que recebe. Mas Silvio Matos já é casado com a também atriz Aliomar de Matos, e Seu Fernando, o personagem, com a dona Mariana.

Sentado na cadeira em frente ao computador, em seu apartamento em Copacabana, Silvio prova que é o avesso de seu personagem mais conhecido. Com um sorriso aberto, as paredes claras e as cores fortes das telas reforçam a alegria do ator, editor, diretor, dublador — e tantas outras atividades que exerceu em sua carreira.

Aposentadoria é uma merda!

Ao contrário do Seu Fernando, que precisa do neto “mercenário” para usar a internet, Silvio Matos é quem ajuda

os netos e a família nos assuntos tecnológicos. Familiarizado com programas de computador, editou séries da TV Cultura, como o *Castelo Rá-Tim-Bum*, e trabalhou com Fernando Meirelles como montador na O2 Filmes.

O ator começou no teatro como camareiro de Procópio Ferreira na década de 1960 e não parou mais, nem pretende parar. Com uma peça em cartaz no Rio de Janeiro, atividades em um grupo que ensina teatro para a terceira idade e mais Vlogs do Fernando, entre participações em novelas e curta-metragens, a aposentadoria significou apenas trocar os 25 anos de contribuição à Previdência por R\$ 622 mensais. “Aposentadoria foi uma merda”, conta, no espírito do Seu Fernando.

O último prêmio que recebeu, melhor ator no Festival Internacional de Cinema de Itu, é resultado de seu trabalho no curta-metragem *Entre muros*, um drama em que interpreta um padre em conflito com o celibato. Na participação mais recente para televisão, foi Carlito Rocha, o técnico superticioso do Botafogo na década de 1940. Silvio, geralmente, celebra muitos casamentos na televisão. A maioria dos convites, conta, é para ser o padre do último capítulo das novelas.

Como Seu Fernando, também apareceu na TV, nos programas da Eliana, no SBT, e do Otávio Mesquita, na Band. No dia em que foi gravar participação na Eliana, Silvio Matos foi convidado pela produção do Jô para uma entrevista, resultado da provocação de Seu Fernando: “Velho não vai ao programa do Jô”. O convite acabou não se concretizando. Mas Seu Fernando é uma celebridade da era das mídias sociais, não precisa da exposição na TV. Na semana da entrevista, ele foi perseguido por um fã pelas ruas de Copacabana. “Eu estou na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, apressado. Daqui a pouco vem um cara correndo atrás”, lembra. O turista

Vlog é um “blog de velho”?

Os vlogs ou videologs são sites pessoais similares aos blogs, em que os posts são vídeos. O formato ganhou força após o lançamento do Youtube, site de compartilhamento de vídeos, em 2005. Adam Kontras foi o primeiro a postar vídeos caseiros na Internet, em 2000. Ele disponibiliza, em seu website, um arquivo com todas as postagens antigas, agora já no Youtube.



paraense gritava por Seu Fernando, até que Silvio lembrou-se do personagem, parou e tirou fotos.

No metrô, é abordado pelos olhos arregalados e andar vacilante de admiradores do velhinho mal-humorado. A maioria dos fãs é jovem, mas Silvio conta que já teve que tirar foto com a família inteira. Um menino reconheceu o ator, chamou os pais empolgado e todos bajularam Silvio. Muitos fãs acreditam que o Seu Fernando não seja apenas um personagem.

A verdade é que quando o ator vai usar os aparelhos de ginástica para a terceira idade em uma praça do bairro, o Seu Fernando emerge. Entre 11h e meio-dia, o horário em que Silvio vai fazer seus exercícios, também é a hora da saída de uma escola em frente à praça. Apesar do *playground* ao lado, as crianças querem mesmo é brincar nas armações verdes para os idosos. “Aqui não é seu lugar. Seu lugar é lá! Você sabe ler? Então lê a placa ali. Isso aqui é para velho! Não é para criança!”, brada Silvio (ou Seu Fernando, nesse caso).

Por trás da irreverência do velhinho, está o roteiro da dupla especialista em *web-hits* Léo Luz e Felipe Neto. “Sou tão resmungão e reclamão quanto ele. E vamos dizer que o Felipe não é bem o que se pode chamar de ‘jovem’, não é?”, entrega Léo Luz. Felipe Neto ficou conhecido na internet pelo *Vlog Não Faz Sentido*, onde critica temas da cultura pop.

Para compor o personagem, Silvio Matos não tem nenhuma referência ou inspiração em alguém, usa apenas o texto e sua improvisação. “Cerca de 80% é roteiro, 20% é improviso”, diz. As gravações são feitas sem ensaio, em uma produção compartilhada com o ator. Os excessos saem na edição.

O primeiro vídeo aconteceu do encontro de Silvio Matos com Felipe Neto na gravação para o *Sem Sentido*,

programa do canal de televisão a cabo Multishow. Nos intervalos, Silvio e Felipe conversavam sobre os jovens que gostam de reclamar e surgiu a ideia de fazer um vídeo em que um senhor idoso mostrasse quem tem problemas de verdade. Depois de um ano do encontro, Felipe Neto ligou para Silvio, passou o texto, gravaram e foi um sucesso, com fãs de todas as idades.

Não curti!

A blogueira especialista em mídias sociais Norma da Matta, 54, entretanto, não gostou muito da brincadeira. “Fala com ele que eu não compartilhei”, pede entre risos. Como o Silvio, ela sempre gostou de tecnologia. Com formação técnica em eletrônica e bacharelado em matemática, Norma fez da aposentadoria um momento para mudar sua vida, começou a trabalhar com mídias sociais. “Já tinha esse sonho, mas acho que isso estava lá adormecido”, conta.

Os passeios de Norma pela rede são compartilhados no blog *Aposentei e agora?*, que não segue lá o estilo do *Vlog do Fernando*. “Eu não quero ficar falando coisa de velha”, diz. O blog é um suporte para o seu trabalho na agência de comunicação Tuiuiú, onde presta serviços de consultoria. “E a ideia é essa: surpreender. O que se espera de uma pessoa mais velha é que ela seja mais formal, que lamente muito. Não é o que eu quero”, diz.

Apesar do nome do blog, a maior parte das visitas ainda é de jovens. “Gente que talvez procure por aposentei, aposentadoria, provavelmente não está encontrando aquilo que estava buscando. Mas já começa a aparecer um perfil de seguidor mais velho, que não tinha no começo”, explica.

Norma acredita que os mais velhos procuram, em geral, por conteúdo relacionado a sentimentos e a família.

Envelhecer, segundo a especialista, aumenta a percepção de solidão.

É o caso de Walda Tojal, 78, que visita sempre sua conta no Facebook. “Só não estou entrando essa semana porque estou com um problema no braço e o meu médico me proibiu de usar o computador por isso”, diz com pesar. O presente que o marido deixou de lado em 1992, um computador, foi o responsável pelo abandono da rotina diária de novelas. O primeiro curso de informática, gratuito, oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, foi o começo da exploração do mundo virtual. Agora, ela conta com aulas particulares. “Eu gosto é de usar para fofocar e ver novidade”, brinca.

Silvio Matos também mantém sua conta no Facebook atualizada, além do canal no YouTube, que é uma espécie de portfólio de seus trabalhos (e recebe visualizações bem mais modestas que a dos vídeos do Fernando). A maioria dos vídeos relacionados tem cerca de 100 visualizações. Ele publica trabalhos em teatro, cinema e publicidade, além do Seu Fernando, o campeão de acessos.

A fila preferencial, o passe-livre para idosos, as doenças e os problemas sexuais. Os temas, cotidianos para os idosos e distantes dos mais jovens, que são usados para divertir os visitantes do Vlog, podem trazer mensagens interessantes, na avaliação de Felipe Neto. No vídeo de lançamento do site da produtora dos vídeos, a Parafernália, Seu Fernando aparece cobrando

os salários atrasados de Felipe Neto. Mas o velhinho já falou de feministas, deu dicas de relacionamento e até respondeu a perguntas dos fãs. E – sim! – o “vlog para quem tem realmente o que reclamar”, como descreve Seu Fernando, também tem seguidores idosos. O público comenta com sugestões e exemplos de filhos e netos. Silvio conta que alguns obrigam os netos a assistirem o vlog por se identificarem com as reclamações do velhinho.

Uma questão de linguagem

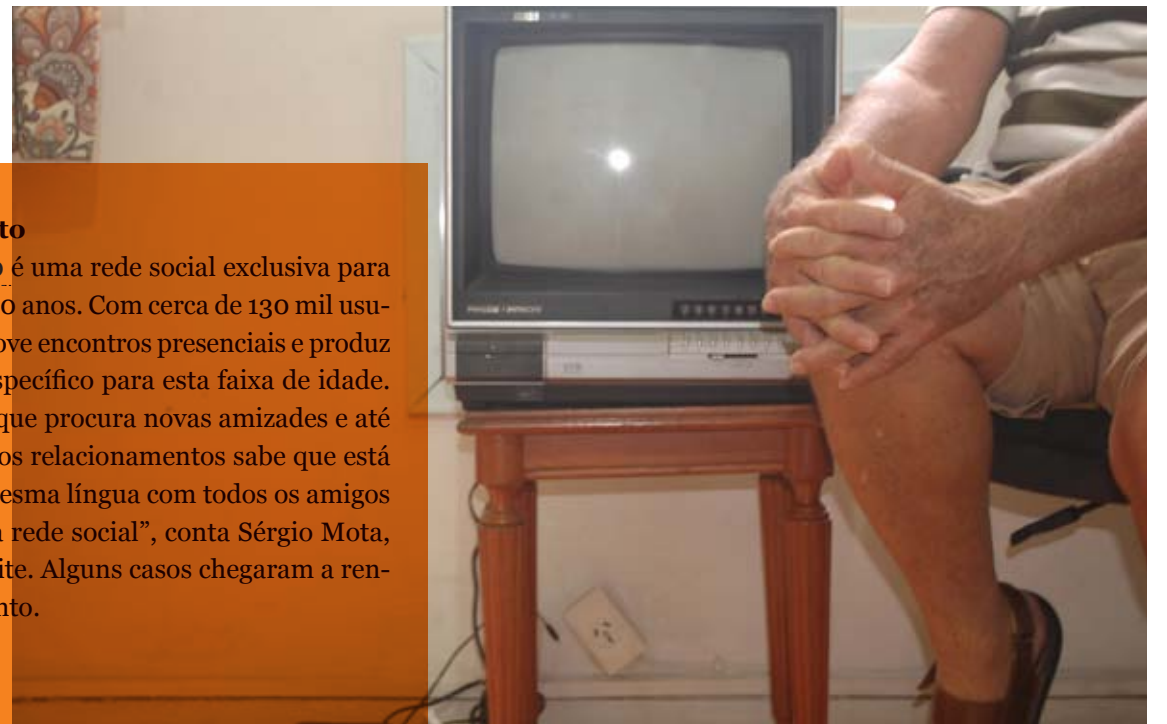
O lema de Norma da Matta, especialista em mídias sociais, “Mídia social é psicologia na veia”, ajuda a entender a linguagem no *Vlog do Fernando*. O público-alvo dos vídeos que ela própria posta é composto por adolescentes e jovens adultos. A linguagem é uma sátira da velhice para jovens. “Em rede social você está lidando com quem? Pessoas. Não tem como você inventar uma linguagem que sirva a todo mundo”, explica Norma.

Quando disse que ia criar um blog no curso de inglês para idosos, Norma, o “baby da turma”, causou alvoroço entre as amigas. Os idosos estão cada vez mais conectados e explorando cada vez mais recursos na rede. “Tenho uma amiga que usa a tecnologia para estar perto da neta que mora em Paris”, diz. “Ela está vendo a neta crescer pelo Skype. Acompanha todo dia, canta, brinca.”

É. As coisas estão mudando rápido demais. “Como é que desliga essa merda? Vou mijar na calça!”, resmungava Seu Fernando.

Par perfeito

O Maisde50 é uma rede social exclusiva para os mais de 50 anos. Com cerca de 130 mil usuários, promove encontros presenciais e produz conteúdo específico para esta faixa de idade. “O usuário que procura novas amizades e até mesmo novos relacionamentos sabe que está falando a mesma língua com todos os amigos que faz pela rede social”, conta Sérgio Mota, diretor do site. Alguns casos chegaram a render casamento.



O homem-bomba do brega

—
Artista de Jacaré dos Homens (AL), Bin Laden do Brega, o terrorista do amor, angaria séquitos de seguidores e quer mostrar que vai vencer esta guerra
—

Marcelo Cabral



Palestina. Foi neste pequeno município do sertão alagoano, em 2011, que encontrei pessoalmente o Bin Laden do Brega pela primeira vez. Eu estava cobrindo um evento que acontecia na cidade, e entre a correria do trabalho sob o cruel sol sertanejo e o calor desesperador, achei que estava alucinando quando vi aquele sujeito caracterizado de Bin Laden, ou melhor, Bin Laden do Brega, o terrorista do amor.

Claro que sua fama o precedia. Conheci Bin Laden do Brega, o artista, bem antes, de seus vídeos no YouTube. O mais popular deles, da música “O homem bomba”, de Bin Laden do Brega e João Alves, tem mais de 700 mil acessos! Naquela manhã quente em Palestina, não consegui sequer trocar uma ideia com ele. Sempre quis entrevistá-lo.

A oportunidade surgiu em janeiro de 2012. Após alguns contatos telefônicos com Bin Laden do Brega, e depois de rever seus vídeos na internet, tomei o rumo de Jacaré dos Homens, sua cidade natal, no sertão de Alagoas. E foi com este provável hit, “O homem bomba”, na cabeça, que peguei a estrada.

De Maceió, no litoral, até Arapiraca (AL), na região agreste, passei por três estradas agitadas com obras de duplicação, tratores, caminhões, carros e anúncios publicitários. Quando deixei Arapiraca para trás, o mundo mudou de repente.

Road movie

Oeste. Continuei nesta direção, e o agreste virou sertão. Estradas menos movimentadas, quase vazias. A terra em tons laranja e vermelho marciano anunciava mais uma estação de seca no semiárido alagoano. Ao longe, montanhas afegãs completavam uma paisagem semelhante à do Oriente Médio do Bin Laden original. Cores e

texturas road movie me enchiam os olhos, enquanto cortava a AL-220 para Jacaré dos Homens. No céu nublado, nuvens carregadas de uma chuva que não cai. Um tipo de malvadeza climática, de tortura meteorológica, que zomba da fé do sertanejo.

A corrida desenvolvimentista do litoral ao agreste atrasou um pouco minha viagem. Já eram quase 11h da manhã, e Bin Laden do Brega me esperava na praça central de Jacaré dos Homens. Encontrei sinal de celular e consegui falar com o entrevistado. Tudo ok. Iria me esperar. Naquele dia, Bin Laden do Brega estava às voltas com as gravações do seu DVD. Disse a ele que chegaria logo, mas que adiantasse seu trabalho. Acompanharia as gravações quando chegasse por lá.

Jacaré dos Homens

Localizada na região da bacia leiteira do estado, Jacaré dos Homens, 5.413 habitantes, é uma típica cidade pequena do sertão. A igreja matriz, a praça central, a curiosidade com os forasteiros como eu, o calor assassino. Tudo ali.

Como previsto, não foi difícil encontrar Bin Laden do Brega. Ele estava na praça, a caráter: roupa camuflada, enormes bombas na cintura, armamento cenográfico em punho, Bin me esperava com a equipe de filmagem, formada por Elias Fotografias. Apresentações e saudações feitas, indaguei o nome do cinegrafista. “Elias Fotografias”, ele disse. Perguntei “Como?”. Ele respondeu com um gesto, apontou para o adesivo em sua moto. “Elias Fotografias”, dizia. Ok.

Apresentei-me. Conversamos rapidamente sobre sua participação, no domingo anterior, no programa do Faustão, na Rede Globo. Disse a ele que ficasse a vontade, e que gostaria de acompanhar as gravações. Dito isto, Bin Laden do Brega e Elias Fotografias começaram a discutir



as tomadas do videoclipe que iriam filmar, o brega romântico “Um amor e nada mais”, autoria de Elton Matias, de Olho D’Água das Flores (AL), cidade vizinha.

Pronto. Começaram as filmagens. Um aparelho de som portátil tocava o mp3 enquanto Bin Laden fazia a dublagem. Gostei da canção. Um desses bregas bem clássicos, de rimar amor e dor. Uma beleza. Mais tarde comentei que gostei de como a voz dele soava naquela música, que cantou muito bem. “Bem mal”, respondeu ele sorrindo. “tem gente aqui em Jacaré dos Homens que já pagou para não me ouvir cantando.”

Após as gravações. Conversamos com mais calma. E ele me contou sua história.

De pedreiro a celebridade

“Programa do Jô, Show do Tom, Câmara Record, Ana Hickman, Legendários, Programa da Eliana”, Bin Laden do Brega enumerava os programas de TV que participou como atração musical, com as canções de seu primeiro disco, “Melô do Fusquinha” (2011). Neste momento, já éramos o epicentro das atenções de Jacaré dos Homens. Alguns fãs vieram tirar fotos com o cara que mostrou “Jacaré dos Homens para todo o Brasil”, como diz o texto em seus vídeos no YouTube.

Aos 53 anos de idade, José Almir Martins tinge a barba de branco com creme dental para encarnar o Bin Laden do Brega. Pedreiro de profissão, é casado há quase 30 anos com Cícera Maria Martins. Foram dez filhos, mas três deles morreram antes de completar um ano de idade. Sua família foi vítima dos índices vergonhosos de mortalidade infantil que Alagoas amargou durante muitos anos. Atualmente, o estado reduziu consideravelmente estes índices. Segundo informações oficiais, a Unicef vai produzir um livro sobre a experiência de Alagoas na redução da mortalidade infantil, com base em histórias como a que atesta o próprio Bin Laden: “Antigamente, 20 ou 30 anos atrás, sempre tinha três ou quatro caixões de criança subindo esta ladeira. Hoje em dia nem se vê nem se ouve falar disso. Nem aqui na cidade, nem na região.”

Sobre sua ascensão a celebridade regional através da música, e das suas mais de 700 mil visualizações no YouTube, Bin Laden do Brega conta que tudo começou depois dos atentados de 2001. “Alguns amigos falaram que eu era parecido com o Bin Laden e incentivaram a criação do personagem. Eu nem trabalhava com música nesta época. Passado algum tempo, o



pessoal da produção do Programa do Jô e da TV Gazeta (afiliada da Rede Globo em Alagoas) passaram pela região para falar sobre cidades e lugares com nomes exóticos, como Coité do Nóia e Jacaré dos Homens. Aí eles conheceram meu trabalho, filmaram, e os vídeos foram parar na internet. Agora faço meus próprios vídeos.” Ele também contou que os amigos o ajudam a postar o material na rede, principalmente seu filho, Romário Martins, de 25 anos, que vive em São Paulo, onde trabalha em uma empresa ferroviária.

Pelo que conversei com Bin Laden e com os moradores de Jacaré, a cidade tem um bom acesso à internet e muitos moradores frequentam as lan-houses locais. Segundo o pessoal que passava na praça, parando para conversar um pouco comigo e Bin, todos na cidade já acessaram os vídeos do contrterrâneo famoso. Percebi também, que Bin Laden do Brega inspira respeito, admiração e simpatia nos cidadãos de bem de Jacaré dos Homens. Escutei muitos depoimentos dos transeuntes, “Ele é muito esforçado. Muito sério”, ou “Uma pessoa muito boa!”, entre outras demonstrações de carinho e consideração com este patrimônio jacareense.

Ao vivo, Bin Laden do Brega apresenta-se com duas formações diferentes. Dependendo da ocasião,

canta acompanhado apenas do tecladista Pedrão, ou da Banda Raio de Luz, de Neilton dos Teclados, que fez os arranjos do primeiro CD, gravado em Santana do Ipanema (AL), no Silvério Estúdio, e em Olho D’Água das Flores, no Ailton Estúdio. “Os meninos me ajudam”, diz o artista.

Seja qual for a formação, Bin Laden já se apresentou em quase todo o sertão alagoano, em festas municipais e eventos em Delmiro Gouveia, Palestina, Pão de Açúcar, Olho D’Água das Flores, Craíbas, São José da Tapera, Batalha e Monteirópolis (AL). “Ah! Também me apresentei em Juazeiro (CE), na TV Vale Verde do Cariri”, lembrou.

Apesar do aparente sucesso local e na rede, Bin Laden do Brega afirma que as 738.941 exibições de seu vídeo no YouTube não pagam suas contas, e que ele e a família lutam para conseguir reformar a casa onde vivem. O negócio da música e espetáculo ainda está longe de gerar a renda que eles sonham para suas vidas.

Making off

Seguimos para o segundo set de filmagens, próximo à casa de um amigo que emprestaria, mais uma vez, seu elegante fusca dourado para as produções do artista.

Seguiram as gravações, aproveitei para fazer algumas fotos. Entre uma tomada e outra, sob o sol excruciante do começo da tarde, Bin Laden do Brega dizia “É difícil embaixo deste sol, com esta roupa e as bombas. Você pensa que ser artista é fácil?”, sorria e enxugava o suor da testa.

Realmente, as coisas nunca foram fáceis para o terrorista do amor. “Sou teimoso. Por isso, insisto. Aqui na cidade muitos diziam que isso não ia dar certo, mangavam de mim com gozação. Mas levei a sério, e estou tendo resposta, como os convites de várias TVs. Muitos me ajudaram – como o prefeito, ou o Galego do Seguro lá de Delmiro Gouveia. Tem muita gente que torce por mim. Outros não. Mas vou mostrar que vou vencer.”

Bin Laden do Brega contou seus próximos planos: terminar de gravar o DVD, com cenas nas serras e paisagens do sertão que lembram o Oriente Médio – “Muito criativo”, segundo o artista –, e seguir em frente, incansavelmente dedicado na divulgação de seu trabalho.

Seu maior objetivo no momento é conseguir um produtor ou empresário, alguém que invista em sua carreira, ou algum patrocinador. “Nos finais de semana, tenho ido vender meus discos na Praia do Francês (em Marechal Deodoro, AL) e em Maceió. Nas praias, eu paro o trânsito, todos querem tirar fotos e conversar. É muito gratificante isso para mim.”

Antes de deixar Jacaré dos Homens, coloquei Bin Laden do Brega em contato com Caíque Guimarães, da Banquinha Popfuzz (assunto na edição nº 1 da Revista Overmundo), loja itinerante de discos independentes, um dos projetos mais exitosos do Coletivo Popfuzz. O grupo trabalha em uma perspectiva de economia solidária da cultura, para inserir artistas e produtores independentes na cadeia produtiva da música em Alagoas. Após o contato, me preparei para dar carona ao primeiro lote de “Melô do Fusquinha” para o catálogo da Banquinha Popfuzz.

De repente me dei conta de uma coisa! Onde andavam as binladinhas? Elas são as dançarinas dos vídeos na



internet que acompanham Bin Laden do Brega, e que receberam elogios apaixonados de internautas do Oiapoque ao Chuí nos comentários do YouTube. Onde é que estavam? Ele me informou que em breve deve selecionar a quarta geração de binladinhas! “Pois é rapaz, as primeiras binladinhas já casaram e seguiram suas vidas. É assim, elas ficam famosas, arrumam namorados, casam, e eu sigo solo. O Bin Laden do amor, como dizem.”



Um sanduíche que é um patrimônio

A história do bauru, lanche típico paulistano que ganhou o mundo

Teka Karpstein



Hummm... Que tal um lanche considerado uma refeição saudável, bem balanceada do ponto de vista nutricional e com valor energético baixo (apenas 306,56 kcal)? Depois que o queijo é derretido em banho-maria então, aí, aí, aí... Talvez seja o verdadeiro pecado da gula.

O sanduíche bauru está prestes a completar seus 80 anos (velhinho sim, mas em grande forma e muito atual, viu?), é detentor de fanáticos apreciadores (me incluo nesse grupo com certeza) em todo o Brasil e até no exterior, e possui hoje diversas versões – algumas bem próximas da original, outras longe, muito longe mesmo – assumindo características bem regionais com a inclusão de vários ingredientes típicos.

De tão gostoso e famoso, o sanduíche já tem sala própria em museu, selo de qualidade para evitar ser confundido com seus “clones” e pedido de inclusão como Patrimônio Cultural no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Selo, museu e patrimônio cultural

Para preservar a memória do sanduíche o Comtur (Conselho Municipal de Turismo) de Bauru lançou, em 2006, o programa “Bauru Tradicional”. O objetivo é certificar bares, lanchonetes e restaurantes que servem o bauru com os ingredientes originais. Alguns restaurantes e lanchonetes fora de Bauru e até do Estado, estão procurando a Secretaria de Cultura para obter a certificação.

Para homenagear ainda mais o sanduíche, foi criada uma sala no Museu Municipal de Bauru especialmente para isso. A partir da criação do selo e da sala no museu, um projeto ainda maior teve início: obter por parte do IPHAN o reconhecimento do sanduíche como Patrimônio Cultural. Segundo Henrique Aquino, diretor de Proteção do Patrimônio Cultural da cidade de Bauru, isso pode acontecer muito em breve. “A fase de documentação e fundamentação para que o pedido tenha sucesso está bem adiantada”, diz. A ideia surgiu quando o acarajé recebeu essa certificação. “Assim como o acarajé, o bauru também é reconhecido dentro e fora do Brasil”, compara. Se isso acontecer, o bauru será um dos primeiros pratos nacionais a receber esse tipo de reconhecimento.

A origem

No início da década de 1930, no bem frequentado bar Ponto Chic, no Largo do Paissandu, em São Paulo, o bauruense Casimiro Pinto Neto, sem imaginar, lança um dos lanches mais famosos do Brasil. Apelidado por seus amigos de... “Bauru”, doce homenagem à sua cidade natal, no interior do estado de São Paulo, Casimiro chegou ao bar com fome, e pediu ao chapeiro para abrir um pão francês, pôr queijo e um pouco de albumina (ele havia lido que a carne era rica nesse elemento). Daí, somou-se à receita improvisada rosbife. Mas não ficou por aí. Ainda achando que faltava vitamina pediu para acrescentar tomate. Voilà! Daquele dia em diante,

a criação começou a ganhar fama e o bauru se tornou conhecido Brasil afora. E, por muito tempo, a receita era essa – mas em 1950 ganhou um novo ingrediente considerado opcional: pepino.

Um antigo garçom do Ponto Chic e um dos fanáticos apreciadores do lanche, seu José Francisco se mudou para a cidade de Bauru e decidiu manter a tradição do sanduíche, montando sua própria lanchonete, o Skinão Lanches. Em ousada estratégia de vendas, ele chegou a distribuir gratuitamente o sanduíche à população, para que ela tomasse gosto pelo bauru. Com sua morte em 2002, seu filho Marco Antonio assumiu os negócios e a defesa do tradicional sanduba da cidade.

Agora, quer uma amostra da fama internacional do sanduíche? Em uma antiga comunidade do Orkut, na ativa desde 2005, e que ainda hoje reúne mais de dois mil membros, há tópicos de discussão sobre a variação da receita em todo o Brasil e depoimentos que confirmam que o Bauru já conquistou fãs no exterior: “Uma vez, recebi uma comitiva de chilenos, argentinos e mexicanos que vieram conhecer a Hidrovia Tietê-Paraná, quando eles desceram do avião no aeroporto de Bauru me contaram que todos achavam que bauru era somente o nome do lanche e que não existia uma cidade com esse nome”. Percebeu a importância do sanduba?



O legítimo Bauru

- Ingredientes:
- 1 pão francês sem miolo
 - 3 fatias de queijo mussarela
 - 3 rodela de tomate
 - 3 fatias de rosbife (veja a receita do rosbife abaixo)
 - 2 rodela de pepino (picles) – opcional
 - Sal e orégano a gosto

- Receita de rosbife**
- Ingredientes:
- 2 kg de lagarto
 - 3 colheres de sopa de manteiga
 - Caldo de um limão
 - Sal e pimenta do reino a gosto

Pré-aqueça o forno em 200°C. Limpe a carne, retirando a gordura externa. Tempere e deixe marinar por uma hora. Em uma frigideira grande ou chapa de ferro, coloque a manteiga e leve ao fogo forte para derreter. Coloque o lagarto, frite os lados, até ficar bem dourado. Em uma assadeira untada, leve ao forno por 45 minutos. Retire e leve à geladeira por uma hora. Corte em fatias bem finas, de preferência no fatiador de frios ou com faca elétrica.

Modo de preparo:

Prepare numa assadeira um banho-maria: coloque um pouco de água e leve ao fogo para aquecer. Abra o pão em duas partes e retire o miolo. Em uma das partes, coloque as fatias de rosbife frio, as rodela de tomate e as de pepino. No banho-maria, coloque as fatias de queijo. Quando estiver derretido, coloque o queijo na outra fatia de pão e una as duas partes. O calor do queijo aquecerá os demais ingredientes do sanduíche.

Agora é só correr ao mercado mais próximo, comprar os ingredientes e preparar essa maravilha!

Bon appétit!



1m²

—
Maíra das Neves faz de seu minúsculo ateliê um palco para discutir as relações entre o sensorial e o virtual
—

Maíra das Neves | Perfil

Em um ateliê de um metro quadrado (o 1m²), em um galpão alugado na Zona Portuária do Rio de Janeiro, a artista plástica paulista Maíra das Neves experimenta com imagem, vídeo e performances. Mergulhada em um universo sensorial e interativo, Maíra participa da oitava edição da exposição Abre Alas, organizada pela galeria A Gentil Carioca, no Centro de Artes Helio Oiticica, até o dia 10 de março. Na Revista Overmundo, ela explica a proposta ousada por trás de suas obras.



Para começar os trabalhos e já direto ao ponto, qual é exatamente a interface entre artes plásticas e cultura digital na tua obra? Algumas das tuas propostas artísticas são uma espécie de intervenção sobre o virtual, como no bordado “Enduro” e na série “Contato”. É como se fosse um simulacro do próprio simulacro. Dá para viajar nisso, não?

Estes dois trabalhos que você menciona procuram entender o virtual a partir do visível, e transportam fragmentos de imagens para fora dele. Digo a partir do visível pois nem me arrisco a decifrar códigos e programação, trabalho com aquilo que todos podem ver.

O bordado “Enduro” (2002-2008) surgiu da curiosidade com o pixel, com uma composição sobre uma trama quadriculada. A base do ponto-cruz também é uma tela e o desenho é construído com pontos em “x” sobre ela. Percebi nele um suporte ideal para a transposição de um momento do jogo de Atari para uma dimensão palpável. Bordei com calma, levou seis anos. *Enduro* quer dizer corrida de resistência, de longa duração. Foi bom experimentar uma construção em um tempo assim, estendido, em contraste com a velocidade sugerida na imagem, tanto do suporte digital como da própria corrida de carros. A imagem mostra o amanhecer, a vitória, com as bandeiras verdes e a corrida ganha. E no verso, vemos o caminho do próprio bordado, a rota da construção e seus nós.

Já a série “Contato” (2010-2011) opera a luz emitida pelo monitor de

LCD para capturar uma imagem que me alcança via internet. Tudo começou quando comecei a fotografar escondido algumas conversas via Skype. Fotografar é modo de dizer, na verdade eu usava o atalho de teclado para captura da imagem que está na tela. Escondia o som com fone, e assim meu contato não percebia que eu capturava alguns momentos da conversa. Mas os momentos que me interessavam eram aqueles de falha, onde a imagem se distorcia, revelando o meio. Eu queria tirar as fotos do HD, mas não estava interessada numa tradução do RGB pro CMYK. Estas conversas em tempo real têm uma carga emotiva, um relação com o toque, têm saudade, o monitor vira pele, toco o rosto que se apresenta disforme e a luz que ele emite em mim se imprime na pele. Minha dermatologista diz que eu devo usar protetor solar até para usar computador, então imagino que esta luz realmente age sobre a pele, sobre o corpo. Eu queria capturar esta luz. Para guardar retratos e dar corpo aos espectros ausentes com os quais me relaciono. Para isso, descobri um jeito de fazer cópias em papel fotográfico usando o monitor LCD como ampliador. No Photoshop, transformei as imagens em negativos P&B, inverti e tal. Daí, num quarto escuro, fiz rápidas exposições do monitor, do mesmo notebook que usei na captura, diretamente em contato com o papel fotográfico. Revelei, fixei, lavei e lá estavam todos os “fantasmas” pendurados secando. Mas no processo para reter a luz, perdi a cor. E senti falta dela. Daí consegui uma tinta aquarelada própria para retoque em foto, e pintei os retratos.

Seu trabalho tem um elemento muito forte de interação com o público e ao mesmo tempo de experimentação sensorial em um nível quase pessoal. Em alguns de seus vídeos performáticos, como “Avoa” e “Sacode”, é como se você quisesse provocar sensações pelo simples fato de senti-las. Como é esta relação entre primeira e terceira pessoa na sua arte?

Os dois trabalhos são registros de movimentos. No “Avoa” (2007) eu uso a câmera subjetiva, aponto a câmera, não para o que se move, mas para o que está fixo. O mecanismo que dá origem ao movimento aparece apenas como som e o que se vê é a copa das árvores girando. Eu mostro esse vídeo projetado para a pessoa ver com o corpo todo, dá uma zonzeira mesmo. Algo como o Cine Espacial do Playcenter dos anos 1980. Já no “Sacode” (2009), chamei meu irmão para gravar uma volta minha num ônibus. Ele registra como eu lido com o desequilíbrio e me relaciono com o caminho, o motorista, os passageiros e a própria máquina, o motor, o freio. Percorro o trajeto sem me segurar com as mãos. Mas o trabalho onde eu mais me aproximei do público é o recente “Expira” (2011). Escrevi um texto em formato de diálogo, com travessões, e imprimi em folhetos. O texto funciona como um roteiro para uma aproximação e apresenta uma leitura da projeção que se vê ao seu lado. Há um projetor de vídeo, digital, sobre a mesma mesa, ligado. Ele não mostra imagem alguma, apenas a tela inicial azul onde lemos, ao canto, que o aparelho



busca continuamente uma fonte de imagem, ausente. Quando alguém se aproxima, eu pergunto: “Quer brincar?” Entrego um folheto e seguro outro, e inicio a leitura, esperando que a pessoa continue. E assim, juntos, vamos seguindo o texto, e nos aproximamos do canto iluminado ao ponto de tocá-lo e começamos a observar os pontos luminosos, os pontos que piscam, a grade quadriculada, os pontos opacos. E assim a história do projetor se revela. Ele está morrendo lentamente. E sua doença parece um céu de estrelas. Um trabalho sobre obsolescência programada, a morte prematura das máquinas digitais.

—

E, por falar em uma experiência pessoal, você é nascida e formada em São Paulo. Mas, hoje, ocupa um ateliê de 1m2 no Rio. Conte um pouquinho dessa trajetória pessoal, e também do que rola nesse ateliê-instalação! Deixei São Paulo em 2007, quando fui morar em Goiânia. Chamei essa fase de “residência artística independente”. Fui experimentar outra paisagem, outra cidade, outro tempo. De lá, fui para Bolsa Pampulha em Belo Horizonte, outra residência, que apesar de organizada pelo Museu da Pampulha, não oferece alojamento aos artistas. Passei 2008 de casa em casa, me hospedando onde me recebiam, chamei este projeto de

“Acolhida” (2008), uma estratégia de residência já que a permanência na cidade era compulsória. De lá, fui para o Rio de Janeiro com o Capacete, outra residência, esta sim com cama, cozinha e vista. E aqui fiquei. Consegui até ter meu primeiro ateliê, aluguei 1m² numa fábrica desativada na Zona Portuária [do Rio]. Eles alugam áreas para artistas construírem seus espaços de trabalho, daí perguntei se poderia alugar 1m² só. Depois de muito convencimento, consegui alugar. Mês passado, o [artista paulista] Shima apresentou uma performance lá, o Babalon tocou no último carnaval, eu já apresentei projetos



Contato[AL1],
2010
pintura sobre papel
fotográfico exposto
à luz de tela de
LCD, 18 × 24 cm

Enduro,
2002/2006
bordado em ponto-
cruz (1 pixel por
ponto) e moldura-
bastidor de madeira
51,5 × 76,5 cm
(frente e verso)

Contato[TA2],
2010
pintura sobre papel
fotográfico exposto
à luz de tela de
LCD, 18 × 24 cm





Contato[SS1],
2010
pintura sobre papel
fotográfico exposto
à luz de tela de
LCD, 18 × 24 cm

meus também. Espero que este ano ele receba bastante gente.

— **O ateliê de 1m2, inclusive, já foi alvo de uma campanha de financiamento colaborativo no Catarse, não é? Como foi essa experiência e como você enxerga o modelo do crowdfunding para o artista independente?**

Me sinto bastante dependente, na verdade. Dependo de bolsas, de apoios, de editais, de vendas... Eu tive uma ótima experiência com o *crowdfunding*, afinal consegui mobiliar meu ateliê e fiz circular as aquarelas que produzi nele. E uma campanha dessas traz as pessoas mais para perto do trabalho, mesmo à distância. Ainda mantenho contato com meus apoiadores e continuo informando sobre os desdobramentos do 1m². O *crowdfunding* é mais um modelo de financiamento, taí para somar, sem substituir os demais.

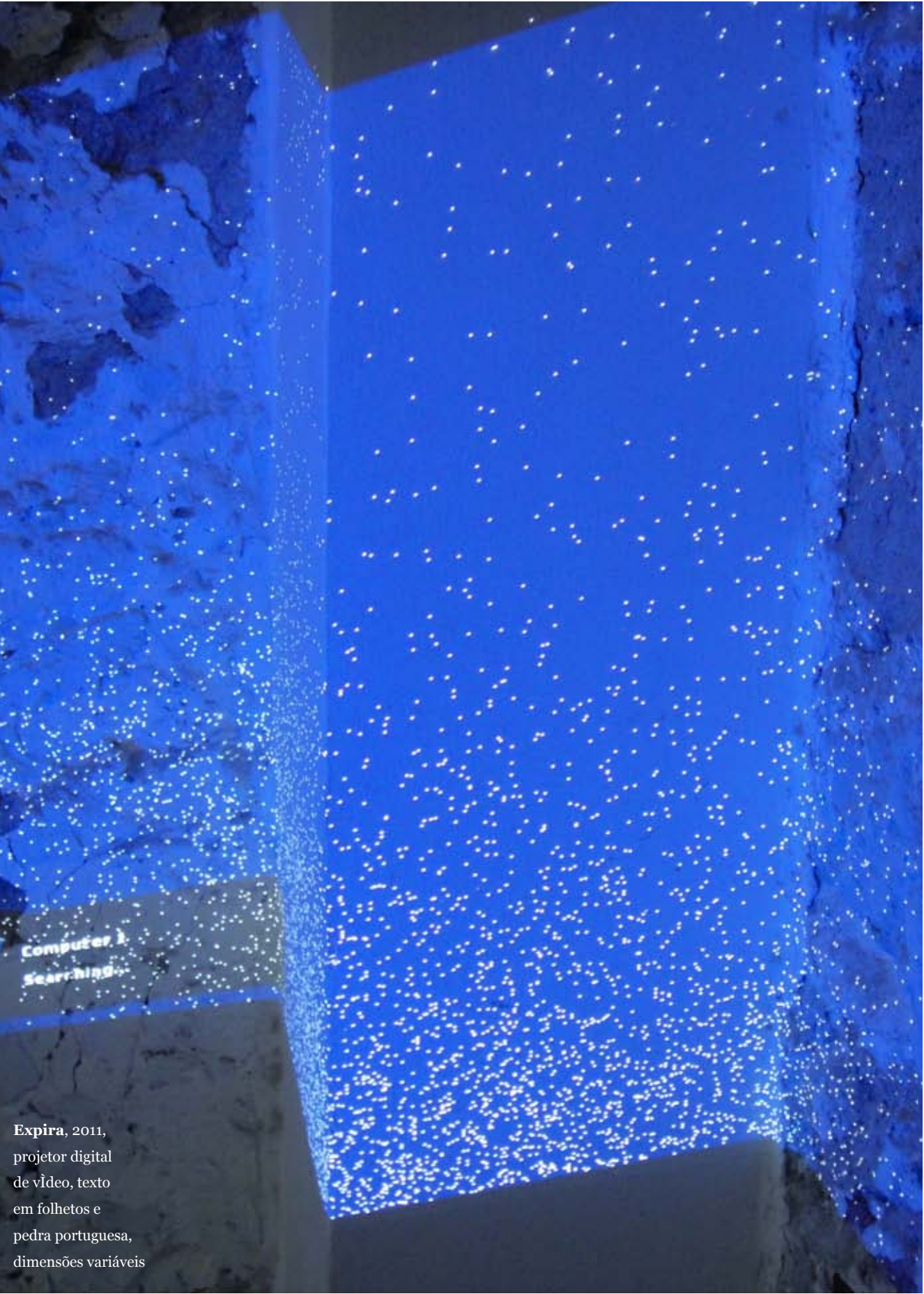
— **Além dos artistas que dividem o espaço na [fábrica] Bhering [na Zona Portuária carioca], que outros nomes da sua**

geração você citaria como parceiros e inspiradores?

Cheguei ao Rio de Janeiro para trabalhar com o Helmut Batista no Capacete, e fui assistente da Rosângela Rennó. Os dois foram meus principais pontos de apoio para meu estabelecimento na cidade, e com os dois aprendi muito. Conheci aqui minha conterrânea, Vivian Caccuri, a primeira a ter ateliê no quinto andar da fábrica. Foi ela quem ajudou a defender a ideia do 1m² junto aos administradores no período de negociações, super-parceira... A rede vai se formando naturalmente pelo caminho que percorro. Morei com Matheus Rocha Pitta, conheci Pedro Victor Brandão no Aprofundamento do Parque Lage, hoje trabalho com a Flavia Meireles, que conheci durante as oficinas no Capacete. Todos amigos e parceiros, e sigo somando. Mantenho também contato com quem mora em outras cidades, adoraria trazer mais parceiros para apresentar projetos no 1m², como aconteceu com o Shima em janeiro deste ano. Shima é outro paulistano que fui conhecer fora, um dia ele veio parar na minha cozinha em Goiânia.

— **Entrando um pouquinho nas suas produções mais recentes, que é que você tem procurado explorar? O que vem planejando para o futuro?**

O texto começou a aparecer com uma certa frequência de uns meses para cá, desde que optei por não registrar uma ação com imagem. Testei como seria apenas contar a história do ocorrido. Escrevi a descrição na janela, e isso, sim, foi fotografado. Testemunhas da ação contaram a história cada uma a seu modo, e o trabalho aconteceu ao pé d’ouvido. De lá para cá recorri ao texto outras vezes mais, por isso penso em observar isso, estudar narrativas. Participo da oitava edição da exposição Abre Alas, organizada pela galeria A Gentil Carioca, onde apresento o 1m² no Centro de Artes Helio Oiticica, até o dia 10 de março. E até o final deste semestre vou estreiar na dança com o “Trabalho Para Comer”, em colaboração com Flávia Meireles, Mariana Patrício e Dyonne Boy. Tenho aprendido bastante com esse trabalho interdisciplinar e coletivo. E planejo continuar no Rio, ao menos por enquanto...



Expira, 2011,
projektor digital
de vídeo, texto
em folhetos e
pedra portuguesa,
dimensões variáveis



Quando você vê um filme, vê muito mais do que o filme.

A Petrobras
investe no cinema
para você
conhecer melhor
o Brasil.

Essa parceria teve início em 1994, com a retomada do cinema nacional. A Petrobras patrocinou a produção, a distribuição e o restauro de mais de 500 filmes, como "Tropa de Elite". Foram vários sucessos de crítica e de público, que levaram arte, diversão e cultura para todo o Brasil.



PETROBRAS

O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério do
Minas e Energia

